

Tribuna Operária

Nº 22, ANO I, DE 5 A 19 DE SETEMBRO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00



BOMBAS NÃO CALAM POVO



Ao lado, a multidão indignada que acompanhou o corpo de dona Lyda, vítima dos fascistas no Rio de Janeiro (leia na pág. 3). Acima, o Movimento Contra a Carestia escurado do Palácio do Planalto por uma tropa de choque (reportagem na pág. 8). Não ao terror e não a Figueiredo — é o sentimento da grande maioria no Brasil.

Solidariedade

A *Tribuna Operária*, vítima de uma bomba dos fascistas em sua sucursal carioca, agradece de coração os telegramas de repúdio ao ato criminoso e solidariedade, enviados pelo Encontro Nacional da Comissão Pastoral da Terra, Frente Nacional do Trabalho, Secretaria Nacional de Justiça e Não Violência, Sindicato dos Radialistas do Rio Grande do Sul, entidades de Alagoas (PT, PMDB, Sindicatos dos Jornalistas, Radialistas, Indústrias Urbanas, Motoristas Profissionais, Trabalhadores Rurais de Viçosa, Cajueiro, Adufal, Associação dos Radiologistas, Movimento de Renovação dos Professores, DCE, Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos, Comissões pró-UEE, pró-UESA, Teatro Universitário de Alagoas, Cineclube Jofre Soares, "Povão"), Diretório do PMDB no Cabo, deputado estadual Nestor Batista (vice-líder do PMDB-PR). Não podemos citar os signatários de vários outros telegramas, enviados para a sucursal do Rio de Janeiro, pois estes foram arbitrariamente retirados pela Polícia Militar, encarregada da guarda do local do atentado.

SINDICALISMO EM MARCHA PARA A CUT

Unidade Sindical e Entões podem somar esforços. Pág. 4

Editorial

Terror é filho do regime

Agrava-se a crise e em consequência a situação política do país. Os trabalhadores são os principais atingidos, mas até setores importantes das classes dominantes são prejudicados. Cresce a revolta do povo e brota a discórdia entre os poderosos.

Todos os planos do governo marcham para o fracasso. A inflação e a dívida externa tornam-se insuportáveis. As eleições municipais, se realizadas, consagrariam as oposições e até a maioria governista no Congresso estremece. As lutas salariais assustam os donos do poder.

Incapazes de resolver os problemas do país, os generais tratam de conter o movimento popular, para que ele não adote soluções revolucionárias. E a vida mostra que, em todo mundo, a burguesia recorre ao terror, ao fascismo, para defender seus lucros.

No Brasil, o regime militar usou durante 15 anos o terrorismo como forma de governo. Agora fala em abertura, mas seu plano principal é impedir a manifestação popular. É evidente que os atuais atentados partem de forças mais agressivas situadas dentro do próprio sistema.

O general Figueiredo vem à televisão e chora lágrimas de crocodilo, diz que as bombas caem em sua cabeça. Mas na verdade todas elas caíram na cabeça do povo e dos democratas. A própria polícia de Figueiredo atacou com bombas e cassetetes os representantes do Movimento Contra a Carestia que foram levar suas reivindicações ao Palácio do Planalto. E até hoje nenhum atentado foi esclarecido, nenhum terrorista foi punido.

Agora, o governo arma um tremendo escarcéu, dizendo que apanhou alguns terroristas em Minas Gerais. A farsa é grotesca, primária. Em vez de procurar os autores dos atentados onde eles estão, sobretudo nos órgãos de segurança do regime, Figueiredo arremete mais uma vez contra as forças oposicionistas, tentando usá-las como bode expiatório. Uma repetição de segunda classe do famoso *Plano Cohen*.

Na realidade, o regime militar protege o terrorismo, que é seu filho natural.

O povo deve estar atento para a possibilidade de um agravamento maior da situação, em que os fascistas mais radicais passem a conspirar abertamente para colocar no governo seus representantes mais destacados. Mas é ilusão querer separar o terrorismo do regime militar e entrar na falsa solução da união nacional com Figueiredo. Esta é apenas a jogada para isolar os setores populares mais combativos e perpetuar o governo dos generais.

O povo não tem porque confiar nos seus próprios opressores para resolver seus problemas. Um amplo movimento de massas, promovido pelas forças democráticas e de unidade popular, é a única alternativa que leva à liberdade. Combater o terrorismo, lutar pela liquidação do regime militar e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, é o caminho que interessa à classe operária. União para a luta e não para a conciliação com os opressores. União para exigir a identificação e punição dos terroristas e não para a convivência com os crimes que praticam.

Polônia Operária festeja vitória da greve

A luta que mostrou ao mundo o socialismo falsificado da Polônia de hoje está na página 5



7 de setembro não chegou na Jari

O projeto colonialista visto por dentro. Pág. 8

Lições da luta

contra a CDM e a eleição

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Leia na página 3



Estudantes discutem com agentes do DOPS

Greve por mais verba

Recife, PE — Cerca de oito mil estudantes da Universidade Federal de Pernambuco reunidos em assembleia decidiram entrar em greve geral a partir de 1º de setembro, até que suas reivindicações sejam atendidas. A principal reivindicação dos estudantes é a suplementação dos Cr\$ 216 milhões que são necessários para o funcionamento da universidade até o fim do ano.

Os estudantes da UFP já haviam também decidido participar da greve nacional deliberada pela UNE para os dias 10, 11 e 12 de setembro, em protesto contra o ensino pago. Já nos dias 26, 27 e 28 deste mês haverá o congresso de reconstrução da União dos Estudantes de Pernambuco.

Criada a UMES-SP

São Paulo, SP — Com muita animação, 450 delegados de 120 colégios realizaram nos dias 30 e 31 o Congresso de Fundação da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas. É apenas o começo, pois a Grande S. Paulo tem mais de um milhão de secundaristas espalhados por milhares de colégios, mas o clima do Congresso mostrou que não falará disposição para levar a UMES-SP adiante.

O Congresso marcou seu apoio às lutas dos trabalhadores, repudiou os atentados terroristas, pronunciou-se pela Constituinte e lançou campanhas específicas, como a dos passes escolares nos transportes, além da arrojada e difícil opção pela eleição direta da primeira diretoria da entidade, nos dias 29, 30 e 31 de outubro.

Um bom remédio para o povo

São Paulo, SP — A saúde do povo no Brasil nunca foi levada a sério pelo governo. Para isto basta ver as estatísticas de doenças transmissíveis — que podem ser evitadas com medidas sanitárias básicas — que mostram um número alarmante de brasileiros doentes. Sem tocar na raiz do problema, mais uma vez o Ministério da Saúde promete lançar o Prev-Saúde, que diz pretender resolver 80% dos problemas primários de saúde dos brasileiros.

Mas o Prev-Saúde já nasceu capengando, feito sem consultar a classe médica ou a população. Segundo o médico Nelson Proença, da Associação Paulista de Medicina, "a formulação de um novo programa nacional de assistência à saúde deve ser precedida de amplos debates entre a população, médicos e governo".

Povo doente dá lucro

O INAMPS repassa mais de 80% dos seus recursos para a iniciativa privada, através dos convênios com hospitais e honorários médicos. Apesar disso estes hospitais sempre estão em crise. Em S. Paulo existem somente dois hospitais do INAMPS e em um deles estão para ser desativados 120 leitos. Um médico residente de um hospital que mantém convênio com o INAMPS, afirma que "estas crises somente ocorrem em hospitais para pobres, ou seja, hospitais federais ou que estão em convênio com o INAMPS".

Durante o I Encontro Popular de Saúde, realizado em 1979 e promovido por várias entidades (Sociedades Amigos de Bairro, Movimento Contra a Carestia, Associação Popular de Saúde), chegou-se à conclusão de que a saúde do povo está muito ruim e que o próprio povo é que deveria se organizar para preparar a elaboração do sistema de saúde.



A Associação Popular de Saúde (APS) foi uma maneira que o povo encontrou para resolver alguns dos seus problemas básicos de saúde. Com o seu lançamento foram mobilizados os moradores dos bairros periféricos a partir de debates relacionando a saúde com a sociedade em que vivem. A APS no momento já atinge vários bairros da capital e algumas cidades do interior.

O primeiro passo da APS é quase sempre a denúncia das doenças mais frequentes entre o pessoal da periferia. Fraqueza, anemia, verminose sempre estão ligadas à falta de alimentação e saneamento básico. Doenças mentais e nervosas são vistas como fruto das preocupações pela vida e das más condições no emprego e baixos salários. Logo o povo descobre que as causas mais profundas de toda esta situação "é o governo, são os ricos". Descobre-se que é o sistema econômico e político em que se vive, a grande causa da doença do povo.

Gangaíba é um bairro da Zona Leste de São Paulo e na região existe apenas um hospital público

para atender cerca de três milhões de pessoas. Há cerca de cinco anos foi criada ali a primeira Associação Popular de Saúde. Começaram com atendimento médico e depois foi se criando Grupos de Saúde que faziam palestras e passavam slides e filmes. Reuniam pessoas nas casas e discutiam sobre seus problemas. Entraram com o Movimento Contra a Carestia e daí foram ampliando seus trabalhos para outros bairros.

Em 1978 promoveram a 1ª Reunião de Saúde da Zona Leste, onde mais de mil pessoas discutiram saúde. Em 1979 foi realizado na Câmara Municipal de S. Paulo, durante dois dias, com a participação de 1.200 pessoas, o I Encontro Popular de Saúde. Fruto desta conscientização, no final de 1979 os moradores da Zona Leste obtiveram uma grande vitória. O Hospital da Penha fechou o convênio com o INPS e aí os moradores se organizaram, fazendo uma manifestação exigindo a abertura e denunciando o tipo de convênio. No outro dia o hospital reabriu.

A praça é do povo

São Luiz, MA — Em menos de um ano os estudantes maranhenses conseguiram duas significativas vitórias. A primeira delas foi em setembro do ano passado e que culminou com uma explosão popular e a segunda foi por ocasião do "Dia do Estudante", quando as autoridades se negaram a ceder a praça Deodoro, sendo que os estudantes a tomaram para comemorar o seu dia.

Desde manhã do dia 11 de agosto, cerca de 500 estudantes (universitários e secundaristas) chegaram à praça Deodoro e começaram a afixar faixas e cartazes que falavam de suas reivindicações. Por volta das nove e meia agentes da Secretaria de Segurança Pública detiveram quatro estudantes, que para eles eram considerados "cabecas" do movimento. Os quatro estudantes permaneceram detidos até as 21 horas.

As dez e meia da manhã, os policiais tentaram prender o jornalista Luiz Pedro, editor do jornal *Campo e Cidade*, da Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos. O jornalista reagiu e a massa que ali se encontrava foi em seu socorro, havendo troca de tapas e pontapés entre policiais e estudantes. Tanto o jornalista como alguns estudantes ficaram detidos três horas em plena praça pública.

Depois das detenções o número de pessoas na praça aumentou para três mil participantes. Em seguida teve início a programação do dia, com maratonas, show com cantores populares da terra, recital poético e um forró democrático enquanto vários estudantes faziam discursos falando a respeito do significado daquela data e protestando contra a prisão dos quatro companheiros. (Da Sucursal)

Seca ajuda o rico

Fortaleza, CE — O Comitê de Solidariedade aos Atingidos pela Seca depois de lançar o primeiro documento denunciando a situação dramática vivida pelos homens do campo, promove uma manifestação dia 3 de setembro em Fortaleza. Neste dia haverá entrega de uma cópia dos abaixo-assinados ao governador Virgílio Távora, em apoio às reivindicações dos agricultores.

O Comitê denuncia a omissão governamental enquanto a situação se agrava mais com a seca. Algumas das denúncias: dos 14 milhões de cruzeiros destinados à Morada Nova, somente dois proprietários ficaram com 5 milhões; grandes proprietários controlam a água, inclusive de açudes públicos, em benefício de suas terras e em prejuízo de toda a

população; o governo tem dispensado dívidas dos grandes proprietários, enquanto cobra juros o que foi repassado aos trabalhadores; recursos de emergência estão sendo desviados pelos grandes proprietários na compra de apartamentos luxuosos nas capitais; em Tauá, um grande fazendeiro deu oito tiros na casa de um trabalhador que reclamava a retenção de parte de seu pagamento pelo patrão.

Para a situação de fome e abandono, os próprios trabalhadores têm se mobilizado para arrebentar açudes públicos para beneficiar a população, (ameaça feita pelos agricultores de Beberibe), ocupar prédios públicos para sensibilizar as autoridades, continuar os saques às feiras e armazéns, etc., (Da Sucursal)

Acabou-se a festa

Buritama, SP — Na comemoração dos 32 anos de emancipação política de Buritama, não faltou até mesmo a entrega do título de "cidadania" ao impopular Secretário da Educação, Luiz Ferreira Martins, responsável pelo caos ocorrido nas escolas estaduais em função do remanejamento de professores na primeira quinzena de agosto.

O palco foi montado para ser uma autêntica convenção regional do PDS, com a presença de dois deputados e representantes de oito

prefeituras. Segundo algumas "autoridades" a festa teve seu brilho ofuscado pela entrega de um manifesto dirigido ao governo estadual. O manifesto, assinado por trabalhadores rurais, operários, professores e moradores do bairro Patrimônio da Santa, se solidarizava com o Movimento Contra a Carestia, no dia Nacional de Luta, 27 de agosto. No documento, entre outras coisas, reivindicavam o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade e extinção do imposto único das contas de luz.



Moradores revoltados perseguem os agressores

Batalha contra o prefeito

Aracaju, SE — Heraclito Rollemberg, prefeito da capital de Sergipe, não será esquecido tão cedo pelos moradores da invasão de Coroa do Meio, pela violência com que lança mão para conseguir seus objetivos. O último ato do prefeito contra o povo foi praticado no dia 23 de agosto, quando mandou tratores derubarem cerca de 100 casebres de Coroa do Meio, para no lugar dos casebres construir palacetes.

Eram 7:30 horas da manhã, quando as pessoas que trabalham já haviam saído, que começou a invasão dos soldados junto com os tratores, invadindo as casas e destruindo tudo. Na parte da tarde

voltaram mais 60 policiais para terminar o serviço. Chicão, antigo morador do local, foi ao encontro de um sargento e protestou contra o vandalismo da PM. Como resposta foi espancado e só não foi morto devido à intervenção de outros moradores.

No dia seguinte apareceu no local um engenheiro para iniciar a demolição, mas foi surpreendido pelos moradores, que armados de pedras, foices e paus, botaram pra correr, tanto o engenheiro, como PMs e tratoristas. Para a população de Aracaju, esta foi a maior batalha já travada entre o povo e a violência do poder público. (Da Sucursal)

União dos posseiros

Barra do Una, SP — Os trabalhadores rurais brasileiros há anos vêm travando uma árdua luta para se verem livres dos intermediários, que acabam ficando com a parte do lucro das mercadorias. Para combater esta situação, em alguns locais têm sido tentadas experiências no sentido de se criar formas de cooperativas, onde o produtor venderia direto para o consumidor. Em duas localidades, uma em Lins e outra no Barro do Una, no Vale do Ribeira, um trabalho neste sentido vem obtendo êxito.

Os posseiros do Vale do Ribeira, que moram em terras devolutas do Estado, têm sido vítimas constantes de grileiros e jagunços, que através de ameaças e violências vêm tentando expulsá-los de suas terras. Uma das maneiras do posseiro garantir a

posse da sua terra seria com uma cultura permanente. No caso destes trabalhadores, a planta permanente mais viável seria a banana. Mas surgiu um problema: como comercializar esta produção, sendo que os agricultores não possuem um mínimo de recurso disponível?

Foi então que os posseiros de Barra do Una criaram uma cooperativa, onde eles pudessem resolver seus problemas coletivamente. A deputada Irma Passoni conseguiu em seu nome um empréstimo no Banco do Brasil, para que os plantadores pudessem comprar caixas para transportar bananas e alugar um caminhão.

Os trabalhadores andam de 20 a 30 quilômetros com as caixas de bananas nas costas, onde colocam no caminhão que irá trazer para S. Paulo. Estas bananas são depois vendidas nos bairros da periferia, por grupos encarregados de vendas. A banana por este método chega ao consumidor por menos da metade dos preços vendidos em feiras.

Em Lins, os trabalhadores rurais estão fazendo roças comunitárias nas terras da diocese daquela cidade. O produto deste trabalho está sendo vendido nos bairros de Osasco com a ajuda da Frente Nacional do Trabalho.

Advogados

Rio de Janeiro, RJ — Advogados com atuação junto a trabalhadores rurais do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, reunidos em seu I Encontro Regional, no dia 24 de agosto, lançaram uma carta-aberta denunciando os recentes atentados terroristas. Os advogados dos trabalhadores rurais concitam todos os setores da sociedade a firmarem posição enérgica e desassombrada na luta pela conquista das mais amplas e autênticas liberdades democráticas. Também reafirmam seu compromisso de contribuir para o fortalecimento do movimento camponês.

Eleição direta

São Paulo, SP — Um acontecimento importante na PUC foi a eleição direta para reitor da universidade. Pela primeira vez na história das universidades brasileiras, estudantes, professores e funcionários puderam participar diretamente na escolha da direção da universidade. Esta vitória se deve, principalmente, à posição da vanguarda dos estudantes da PUC. A professora Nadir Kfoury foi o nome mais votado pela comunidade universitária.

Ciências sociais

Fortaleza, CE — O Centro Acadêmico Batista Neto, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, promoverá a 1ª Semana de Ciências Sociais, de 1 a 5 de setembro. Este encontro tem a finalidade de debater temas e questões ligadas à prática profissional do cientista social, entre eles movimentos sociais urbanos, movimentos sociais rurais e universidade e sociedade.

Nova sucursal

São Paulo, SP — Foi inaugurada mais uma sucursal do jornal *Tribuna Operária*. Desta vez foi no bairro do Bom Retiro, à rua Afonso Pena, 127, no Grêmio Livre do curso Politécnico.

Reforma agrária

São Paulo, SP — O Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) organizou nos dias 22 e 23 de agosto um Seminário de Estudos sobre "Significado e Viabilidade da Reforma Agrária no Brasil". Diversos estudiosos e líderes camponeses participaram deste debate realizado na PUC de São Paulo. No dia 22, líderes camponeses de diversos estados do país deram seus depoimentos. Presidindo a mesa estava D. José Maria Pires, bispo da Paraíba, e alguns lavradores de Miracatu (SP), Uruana (GO), Pitumbu (PB), Presidente da Contag e da FETARJ entre outros.

Secundaristas

Iguatu, CE — Durante o 1º Pré-Encontro Estadual Secundarista realizado em Iguatu nos dias 9 e 10 de agosto foram feitas trocas de experiências entre as entidades presentes e debatido a pauta do II Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas, que se realizará em Fortaleza. Estiveram presentes ao I Pré-EES representantes de estudantes secundários das cidades de Iguatu, Mombaca, Senador Pompeu, Juazeiro do Norte e Fortaleza.

Feijoada

São Paulo, SP — Vendedores, amigos e simpatizantes da *Tribuna Operária* fizeram uma feijoada democrática, dia 17, reunindo cerca de 50 pessoas da região de Perdizes e Barra Funda.

CEPS

Santo André, SP — Nas eleições realizadas dia 21 de agosto, foi eleita a chapa 2 para compor a nova diretoria do Centro de Estudos Políticos e Sociais do ABC — Santo André (CEPS). Na ocasião também foi escolhido como presidente de honra do CEPS, gestão 1980/81, Santo Dias da Silva — líder metalúrgico assassinado.

Enver Hoxha



O imperialismo e a revolução

Introdução de João Amazonas

“Obra de fôlego, indispensável a todos os que lutam por um futuro feliz, é um verdadeiro programa do marxismo-leninismo”.

Pedido de compra:

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque n° no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda, Rua Beneditância Portuguesa, n° 44, sala 206, SP, CEP 01033.

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar; Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
Redação: Rua Conselheiro Rimalho, 501, Bela Vista - São Paulo, Capital, CEP 01325, tel 36-7531.
Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa, CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem CEP 30000; Bahia: R. Padre Vieira, 5 s/307 - Salvador CEP 40000; Rio Grande do Sul: R. Gen. Câmara, 52 s/ 29 - Centro, Porto Alegre CEP 90000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa na Cia. Editora Jorjões. Fone: 53-8900 - SP

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Agência Jaceguai - conta n° 03154 - São Paulo - Capital.

Olho vivo e povo na rua contra terror

As bombas contra a liberdade provocaram resposta firme de repúdio ao fascismo e ao governo que nada apura

As bombas assassinas do 27 de agosto jogaram mais lenha na fogueira da crise política nacional. As forças em luta com o governo Figueiredo tiveram que responder também à escalada do terror fascista, que agora começa a matar.

Esta realidade até certo ponto nova e mais complexa está pondo à prova cada setor oposicionista. Fica claro quem é quem: os vacilantes vacilam, os conciliadores conciliam. E quem deseja de fato um Brasil democrático é chamado a assumir seu posto na luta contra o terror.

Querem calar o povo

As vítimas dos atentados são as mais variadas: trabalhadores em greve, sindicalistas, entidades democráticas, partidos e políticos oposicionistas, figuras da hierarquia da Igreja. Qualquer pessoa pode ser atingida.

Mas o alvo das bombas e tiros é um só — a liberdade. Os fascistas não toleram as greves, as manifestações públicas, a organização democrática do povo em sindicatos, entidades e partidos, as eleições, a contestação ao governo ilegítimo e a campanha por uma Assembleia Constituinte livre e soberana. Através do terror, querem silenciar o país.

Quem são os terroristas

Todas as pistas sobre os atentados levam a gente do próprio regime, às Forças Armadas e à polícia, em especial os tenebrosos DOI-CODIs do Exército. Essa gente já não pode seqüestrar, torturar e matar às claras como alguns anos atrás. Mas agindo nas trevas, sem mostrar o rosto, mostram a mesma covardia, o mesmo ódio de sempre a tudo que cheira a povo.

Mais ainda. A orquestração dos atentados em todo o país mostra que há um comando centralizado do fascismo. Não são atos de menor importância, como o governo queria fazer crer. Há gente grávida por trás dos terroristas. Fontes bem informadas já apontaram alguns nomes: general Milton Tavares, do II Exército; general Antônio Bandeira, o III Exército; general Coelho Neto, do IV Divisão do Exército. Há também indícios de articulações com governadores estaduais como

Salim Maluf, de S. Paulo, e Francisco Pereira, de Minas. E toda uma facção do regime que, diante da ofensiva popular, parte novamente para uma proposta de tipo fascista.

Governo encobre os crimes

Até agora a polícia não moveu um dedo para pôr a mão nos criminosos. Pelo contrário. Quatro provocadores capturados por democratas, em Porto Alegre, S. Paulo e Rio de Janeiro, foram logo libertados. O caso de seqüestro de Dalmio Dallari deu em nada, sabotado pelo DOI-CODI e pelo DEOPS paulistas. A pericia policial sobre o atentado da OAB foi falhada e autoridades já andam dizendo que a apuração dos fatos será "difícil".

O governo não quer apurar a verdade. Protege os fascistas, garantindo-lhes a impunidade. E essa impunidade é o maior estímulo aos atentados, que se multiplicam com uma desenvoltura afrontosa.

O general Figueiredo diz que as bombas caem sobre sua própria cabeça, que não sabe se vêm da direita ou da esquerda, mas que pede um "crédito de confiança": "Aceitem minha mão estendida e os terroristas vão ver".

E uma arapuca para a oposição. O governo não agirá a sério contra os fascistas, porque teria que começar investigando muitos figurões dos seus próprios quadros, principalmente das Forças Armadas.

O caminho é não se dobrar

A resposta popular aos atentados foi clara: Não ao terror e não à conciliação com Figueiredo. Ela foi dada por 30 mil pessoas, no imponente cortejo fúnebre de dona Lyda Monteiro, por 5 mil pessoas no ato de protesto em S. Paulo, 2 mil em Belo Horizonte e muitos outros milhares, por todo o Brasil, nas manifestações e missas de sétimo dia terça-feira.

Também nos meios políticos e parlamentares a arapuca presidencial teve boas respostas. Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, por exemplo, disse que o governo é tão responsável pelos atentados como os terroristas.



Acima, o cortejo fúnebre de dona Lyda no Rio e ao lado o ato em SP: em toda parte, a disposição de deter a mão dos fascistas

Certos setores, porém, foram atrás do canto de sereia de Figueiredo. O primeiro foi o PP, como era de se esperar. Mas no mesmo rumo seguiram políticos do PMDB, como Mário Covas e Pedro Simon, e do PT, como João Cunha, o que causou vivo desagrado nos meios populares.

As pessoas que admitem marchar junto com o governo no combate ao terror partem do raciocínio esquemático de que, se existe um grupo fascista dentro do Sistema, justifica-se apoiar Figueiredo, que, afinal, é o homem da "abertura". Repetem o mesmo erro de cinco anos atrás, quando embarcaram na "distensão" do general Geisel a pretexto de que era dos males o menor.

Ação por conta própria

Mais uma vez, o movimento popular e democrático está enfrentando a tarefa de neutralizar essas tendências à vacilação e à conciliação dentro das oposições. Tarefa espinhosa, certamente, mas necessária para que o governo continue se isolando e não tenha

um momento de trégua.

As linhas do combate ao terror fascista foram se definindo na própria prática dos últimos dias. As manifestações políticas de protesto, amplas, unitárias e de massas, firmaram-se como elemento fundamental. Em Minas Gerais, S. Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e outros Estados organizaram-se comitês contra o terrorismo.

O Comitê de Minas, embasado em mais de 40 entidades, já propôs um encontro nacional nos próximos dias, para unificar o movimento em todo o país. Sugeriu também que, "em vista da flagrante inoperância dos organismos oficiais em apurar os autores do terrorismo, seja reconhecida uma Comissão de Inquérito designada pela OAB para acompanhar as investigações". No mesmo espírito, surgiu em S. Paulo a ideia de formar *Comissões de Investigação Popular*, com jornalistas, advogados, parlamentares e cidadãos em geral, para colocar em pratos limpos os atentados e identificar os criminosos. (Bernardo Joffily)

Para votar é preciso primeiro batalhar

A campanha pelas eleições de novembro

As vésperas da votação da emenda constitucional do governo que acaba com as eleições de 15 de novembro próximo, a luta contra essa manobra antidemocrática finalmente saiu do marco estritamente parlamentar. Em S. Paulo, a bancada do PMDB na Câmara dos Vereadores promoveu uma "caminhada contra a prorrogação dos mandatos". Em vários Estados organizaram-se caravanas para pressionar em Brasília contra o adiamento.

Na caminhada de S. Paulo, os populares que recebiam panfletos repudiavam vivamente a atitude do governo. "Tem que condenar mesmo!!" — disseram vários deles. No entanto, a mobilização alcançada em geral ficou muito aquém do sentimento popular e das necessidades de uma batalha política deste porte. Em consequência, a maioria dos observadores prevê que em Brasília o voto, de cabresto do PDS provavelmente conseguirá mais uma

vez fazer passar a vontade antidemocrática do governo. De qualquer forma, o episódio encerra ensinamentos. Mostrou que, da parte das forças populares e democráticas extra-parlamentares, existe ainda uma certa subestimação da luta eleitoral e parlamentar, que não é a decisiva mas nem por isso pode ser desprezada.

Deficiência a superar

Os anos de ditadura militar-fascista e bipartidarismo forçado trouxeram muitas lições para o povo brasileiro, inclusive experiências tão ricas como a enxurrada de votos nulos nas eleições de 1970. Mas também deixaram lacunas no aprendizado político do povo, justamente na parte relativa à luta no parlamento. O enfrentamento com a emenda Anísio Souza mostrou que essas lacunas ainda não foram completamente preenchidas, apesar do avanço registrado nos dois últimos anos.



Caminhada dos vereadores, SP: pouca mobilização

CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA (I)

PROPOSTAS PARA TODO GOSTO

A bandeira número um das oposições, vista por Haroldo Lima, ex-preso político anistiado, numa série de artigos

O grande número de pronunciamentos recentes sobre a Constituinte mostra que a crise governamental e das instituições já está levando à procura de uma saída política próxima. E surgem proposições diferenciadas, refletindo interesses de classes e grupos distintos, que podem ser agrupadas em três grupos:

Os homens de Figueiredo

O primeiro grupo é o dos que estão diretamente ligados ao governo, sentem a gravidade da crise e começam a especular sobre saídas políticas. Esses setores não se fixaram ainda numa fórmula única, pelo menos aparentemente. Alguns dizem que a ideia da Constituinte é despropositada, outros, como os senhores Abi Ackel, Passarinho e Sarnei, já admitiram a necessidade de uma Constituinte. Mas os dois primeiros acham que ela deveria ser convocada pelo próprio general Figueiredo, enquanto o presidente do PDS levanta a ideia estúpida de criar uma comissão constituinte à parte, composta por figurões de confiança do general presidente. Ainda que falem em Consti-

tuínte, todas essas alternativas visam salvar o regime dos generais para manter a política econômica, financeira e social que flagela o país. Estão voltadas contra o povo.

Conservadores, oportunistas

Em segundo lugar vêm setores oposicionistas mas conservadores e oportunistas. Procuram aparecer como defensores dos interesses populares e democráticos e seguram a bandeira da Constituinte, não para levantá-la mas para tirar dela o que interessa ao movimento operário, popular e democrático. As cúpulas dos partidos de oposição que defendem a Constituinte em geral têm se comportado assim. O próprio Ulysses Guimarães precipitou-se a pouco ao falar na Constituinte com Figueiredo, o que provocou imediato e justo protesto da Tendência Popular do PMDB. O PP vai além e explora a velha tese de transformar o Congresso em constituinte. Outra variante desse pensamento foi a recente manifestação do setor liberal-burguês oportunista representando pelo PC Brasileiro. Ela pretende contraban-



A meta é uma nova ordem

dear a opinião de que pouco importa quem convoca a Constituinte, podendo ser um governo liberticida como o atual ou outro qualquer.

A base dessas opiniões é a preocupação liberal-burguesa conservadora de que a luta pela Constituinte pode avançar demais e de repente ameaçar privilégios das classes dominantes. As forças que fazem tais propostas pretendem negociar uma saída para os militares no poder.

A ala mais consequente

Em terceiro lugar aparecem o movimento operário e popular e os setores democráticos mais consequentes. São eles que sustentam a bandeira da assembleia constituinte livre e soberana. Dos

garam à vitória com a Revolução de Outubro.

Quando, ao contrário, o movimento operário ignorou os conflitos no campo inimigo, perdeu oportunidades preciosas e marcou passo.

A teoria do "mal menor"

Uma contradição no bloco dos inimigos não quer dizer que o movimento operário e popular tem que escolher sempre um aliado entre os setores em conflito. Isto pode ser conveniente ou não, e só um exame minucioso pode esclarecer cada caso. A teoria de que é preciso escolher o "mal menor" e aliar-se ao inimigo menos ruim já trouxe consequências trágicas para o movimento operário.

Um exemplo disso aconteceu na Alemanha em 1932. Os social-democratas de lá votaram para presidente da República num certo Von Hindenburg, que não prestava, mas era o "mal menor" perante Hitler. Resultado: dez meses depois Hindenburg nomeava Hitler primeiro-ministro...

Outro exemplo, brasileiro e atual, é o dos políticos que vão atrás do conto-do-vigário da "união nacional" em torno de Figueiredo, como se ela pudesse resolver algum dos problemas do país.

A teoria do "mal menor" é a maneira oportunista de tratar os conflitos no campo adversário. Sua consequência é amarrar o movimento operário e popular atrás de seus inimigos, e nem sempre dos "menores".



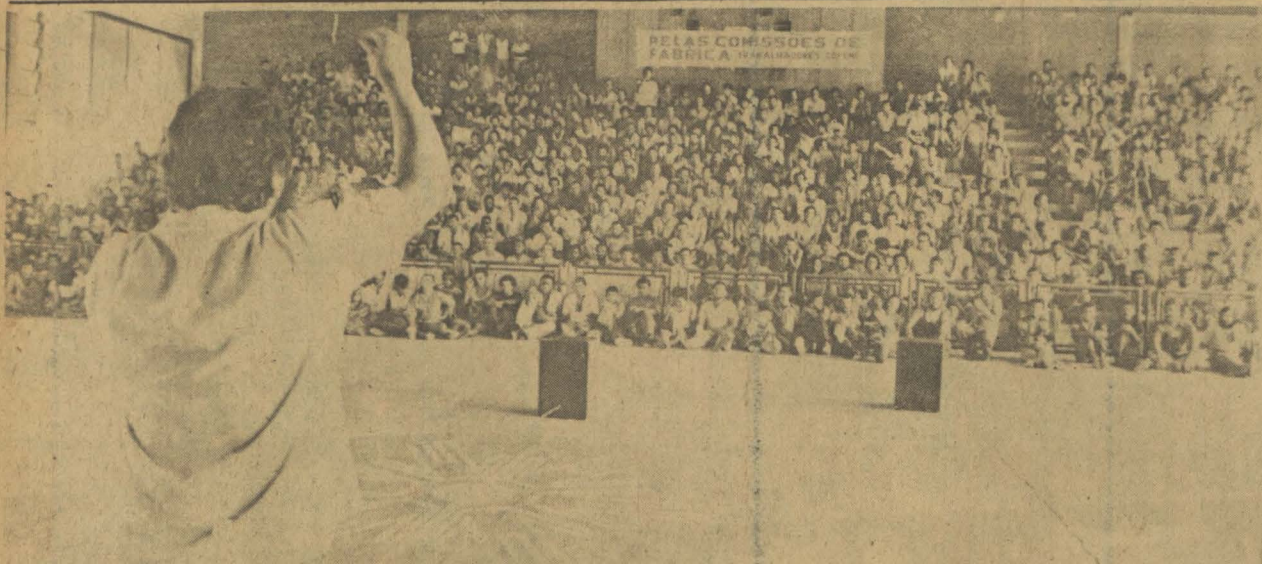
Muitas delas são parentes de vítimas da ditadura argentina

Videla repudiado

Eram quinhentas mulheres, de luto, caminhando no mais completo silêncio, em contraste com o barulho da "matraca", instrumento sonoro usado nos enterros em outros países latino-americanos, simbolizando a morte de milhares de democratas. Começou assim o protesto público contra a visita do ditador argentino Rafael Videla, em S. Paulo, dia 22 de agosto. Ao final, já havia mais de mil pessoas na passeata, enquanto dos edifícios chovia papel picado. "Alerta, alerta, alerta ditadores, a América Latina vai ser dos trabalhadores", gritavam os manifes-

tantes, enquanto ouviam as palavras de representantes do PC do Brasil, PMDB, PT e Convergência Socialista.

No mesmo dia, em Porto Alegre, outra manifestação, de 300 pessoas, enfrentava a polícia e conseguia impedir que o tirano inaugurasse a "Praça da Argentina", naquela capital. "Videla argentino, ditador e assassino", foi uma das palavras de ordem mais gritadas enquanto os manifestantes batizavam simbolicamente a praça como "Praça das Mães de Mayo".



Em Camaçari a mobilização dos petroquímicos já trouxe vitórias

PETROLEIROS E PETROQUÍMICOS

Paulínia e Camaçari na briga

No dia 27 de agosto cerca de 600 funcionários dos setores de manutenção e administração da Refinaria do Planalto (Replan), e, Paulínia-SP, fizeram uma passeata de 1500 metros, do trevo de acesso à rodovia Campinas-Cosmópolis até a entrada da refinaria, atrasando em quarenta minutos o trabalho na empresa.

A manifestação faz parte de um processo de lutas que certamente desembocará em greve caso a Petrobrás continue intransigente nas negociações. Os petroleiros de Paulínia e Campinas estão exigindo: 15% além do INPC; reajustes trimestrais; estabilidade por um ano, etc. E até o momento a empresa apresentou uma contraproposta considerada ridícula pela maioria da categoria: 6,5% de produtividade para quem ganha até três salários mínimos; 3,6 para quem recebe de três a dez salários mínimos, que representa 64% da categoria, etc.

Operação tartaruga

A campanha dirigida pelo Sindipetro está com bom nível de organização, combatividade e espírito unitário de luta. Desde julho ocorrem reuniões setoriais, onde se discutem formas de luta e as reivindicações dos trabalhadores. No dia 7 de agosto, em assembleia com a participação de 80% da categoria, decidiu-se que os trabalhadores usariam sobre a identificação uma plaqueta: "Estados Alerta"; e que nos dias 15 e 19, quando se realizou a primeira negociação, ninguém bateria o cartão. Dito e feito: dos 1240 funcionários da Replan só cinco bateram o ponto.

Para esvaziar o movimento os

patrões treinaram engenheiros para ocuparem pontos-chave na empresa, só que esses, ao tomarem consciência dos fatos, se solidarizaram com seus companheiros. Os patrões também ameaçaram a diretoria do Sindipetro através do uso do aparato repressivo do governo, o super-patrão. Constantemente policiais do Deops vão ao sindicato. Mas nada intimida a categoria que está bastante disposta. Já se ouve falar em greve. Um petroquímico nos disse: "a greve é legítima, é nossa arma principal, deve ser usada e a gente tem que saber usá-la".

Em Camaçari

Bastou um pouco mais de pressão por parte da assembleia dos petroquímicos de Camaçari, Bahia, para fazer com que os patrões dessem o primeiro recuo. Quando os operários decidiram fazer a operação tartaruga imediatamente os patrões mudaram o comportamento nas conversações com a comissão de salário. Para um membro da comissão "isto já foi o primeiro passo".

Na verdade a operação tartaruga, assumida numa assembleia de dois mil trabalhadores, no último dia 30, não deu os resultados ideais dentro do pólo petroquímico, mas "serviu para amedrontar os patrões, fazendo que pensassem duas vezes antes de proporem alguma coisa pra gente".

Já conquistaram melhorias

Para João Lopes, secretário geral do Sindiquímica, "já tivemos alguns avanços nesta campanha salarial. Setenta por cento das reivindicações já foram alcança-

das". Mas nas reivindicações mais políticas, como estabilidade no emprego, delegados sindicais e comissões de fábrica, ainda não se avançou muito, na opinião dele. "O erro foi que a gente não soube centralizar a campanha em cima das exigências mais políticas".

Outros dois componentes que na opinião dele teriam contribuído para a ainda baixa mobilização da categoria, em comparação com o ano anterior, são: "a violenta repressão que sofreram os metalúrgicos de São Bernardo e a própria conjuntura política do momento".

Organização nas fábricas

Mas mesmo assim os trabalhadores na última assembleia acharam insuficiente o cedido pelos patrões e continuam organizando-se. Uma trabalhadora da Copene afirmou: "ainda há falta de organização. E se a gente não se organiza, no sindicato, é lógico que vamos ser desrespeitados. Falta ainda gente disposta dentro das fábricas".

Ninguém perde o ânimo. Um operário da Melamina Ultra afirma: "a luta está começando ainda e quem disser que fomos derrotados é que não acredita na força dos trabalhadores". Como formas de luta foi votado que os trabalhadores deverão substituir o crachá da firma por uma tarja preta até o dia três, quando a substituiriam por uma vermelha, simbolizando a declaração de guerra contra os patrões. Também se criou comissão de mobilização com trabalhadores de várias fábricas. (da sucursal de Salvador, BA).

METALÚRGICOS EM CAMPANHA

Assembleias no Rio e Minas

Em Minas e no Rio os metalúrgicos já tem suas reivindicações

Os metalúrgicos de Belo Horizonte, Contagem e Betim, em Minas Gerais, já discutem suas reivindicações para a campanha salarial deste ano, que tem como data base outubro. Mas a mobilização da categoria ainda é pequena. E o principal fator desta desmobilização continua sendo a permanência de diretorias pelegas nos dois sindicatos: BH/Contagem e Betim.

Mas apesar do peleguismo, no ano passado a categoria foi à greve na busca de melhores salários. E isto pode ocorrer este ano, principalmente porque o custo de vida em Minas já alcançou 110,8%.

Manobra do governo em Betim

Em Betim o ministro do Trabalho usou de manobra maquiavélica para dificultar a organização da categoria. Alegando corrupção no sindicato, com seu presidente Nadir Pinheiro desviando Cr\$ 350.000, o Ministério interveio no sindicato. Mas por detrás desta medida o governo afastou um dirigente pelego, desrespeitado pela categoria e que perderia as próximas eleições em julho. Com a intervenção as eleições foram adiadas e a chapa de oposição, surgida na greve passada, teve a maioria dos operários demitidos, pois perderam a estabilidade. Além disto, com a desculpa de "limpar o sindicato" o novo interventor fechou a porta para a campanha salarial.

Apesar desta manobra os metalúrgicos, bastante insatisfeitos, organizam-se. Alguns membros da Oposição tentam formar a comissão de mobilização e desenvolvem ampla campanha contra a intervenção, exigindo as eleições. Já outros elementos que se dizem ao lado dos trabalhadores, como o sr. Jorge Nomam, da Federação dos Metalúrgicos e seus adeptos, além de não se preocuparem com a campanha salarial, ainda enviaram um abaixo-assinado ao ministro Macedo propondo que uma junta governativa de trabalhadores substitua o interventor. Nesta junta o ministro tem o poder da escolha, demonstrando claramente a conciliação com o governo.

BH e Contagem

Já em Belo Horizonte e Contagem a mobilização da categoria é melhor. Já foram feitas assembleias, tirando-se a comissão de mobilização e as reivindicações



dos metalúrgicos, entre elas: 15% acima do INPC; reajuste trimestral de salários; piso de Cr\$ 10.000; delegado sindical; e estabilidade no emprego. Em Minas o problema das demissões em massa tem aumentado, devido à crise econômica. A Isamonte demitiu 50 operários em apenas uma semana e a Nanssem mandou 34 operários embora num só dia.

Mas há o receio da categoria com relação à diretoria do sindicato. Alguns operários costumam dizer: "A diretoria é assim; bota fogo mas na hora aqui deixa a gente no pau". Por outro lado, neste ano os trabalhadores mais combativos unificaram suas propostas para mobilizar a categoria, o que agilizará a Comissão de Mobilização. Algumas propostas para mobilizar a categoria têm sido feitas, como: propagandear as reivindicações nas portas de fábricas, com boletins, comícios, etc.; levar os operários para o sindicato, principalmente na assembleia do dia 7 de setembro; divulgar a possibilidade de greve; anseio dos trabalhadores; preocupar-se com

as fábricas mais importantes que puxam o restante da categoria, como a Mannesman, Belgo, Nanssem, etc.; procurar a unificação com os outros sindicatos metalúrgicos e com outras categorias profissionais.

Metalúrgicos exigem 20%

Os metalúrgicos do Rio de Janeiro já têm a pauta de reivindicações deste ano. Ela foi votada na última assembleia, dia 22, com a presença de 162 metalúrgicos.

Os trabalhadores demonstram grande preocupação com o aumento assustador da carestia e fizeram uma proposta muito justa: 20% além do INPC. Este é um exemplo para as categorias que terão campanhas no fim do ano.

Além disso os metalúrgicos reivindicam piso salarial de 12.000 cruzeiros, reajuste trimestral, garantia de emprego para a categoria, estabilidade para os delegados sindicais e comissões de fábrica, eleição das Cipas por assembleias de fábricas, etc.

A próxima assembleia foi convocada para o dia 12 de setembro.

UNIDADE SINDICAL E ENTOES

OS TRABALHADORES E A CUT

Depois de 16 anos, a Central Única dos Trabalhadores está na ordem do dia. O ENTOES e a Unidade Sindical podem ser instrumentos importantes.

No dia 31 de agosto realizou-se em São Bernardo o segundo ENTOES de São Paulo e nos sábados de agosto foram realizadas reuniões da Unidade Sindical. Todas essas articulações e preparações de encontros e conferências nacionais mostram que os trabalhadores brasileiros estão caminhando para um salto na sua organização.

As grandes greves travadas nos últimos anos, as poderosas manifestações do 1º de maio, os violentos conflitos com a polícia e o crescimento assustador da inflação e da carestia obrigam os trabalhadores a aumentar a sua união e reforçar sua organização e combatividade.

Aparecem duas iniciativas no momento atual: a Unidade Sindical, que reúne sindicatos e associações profissionais, e o ENTOES — Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical.

As dificuldades da União

A grande arma dos trabalhadores é a sua unidade e os patrões sempre procuram infiltrar suas ideias no movimento operário, levando ao divisionismo e ao enfraquecimento da capacidade de luta. Se a Unidade Sindical e todos os que participam dela não somarem seus esforços com os trabalhadores que participam do ENTOES, os patrões vão ficar muito contentes. Esse é o grande perigo e o grande problema que o movimento dos trabalhadores está vivendo hoje.

Alguns companheiros que participam da Unidade Sindical fazem gozação sobre o ENTOES e algumas correntes que participam do ENTOES não podem nem ouvir falar da Unidade Sindical. Esse não é um caminho que interesse aos trabalhadores. E preciso unir todas as iniciativas para se chegar a uma CUT, Central Única dos Trabalhadores, representativa da maioria e a realização do CONCLAT no primeiro semestre de 1981 é a principal tarefa organizativa do momento. Todas as forças devem participar desse Congresso ou Conferência Nacional mas essa reunião não pode ser apenas das "bases" ou apenas das direções



Os encontros sindicais estão se multiplicando dia a dia

sindicais, nem uma reunião de tendências ou grupos, e sim uma iniciativa democrática a bastante ampla. Devemos fazer uma política sindical voltada para todo o conjunto dos trabalhadores.

Tanto a Unidade Sindical quanto o ENTOES têm pontos bastante positivos que contribuem para a luta operária e dos trabalhadores em geral mas apresentam também sérios problemas que podem prejudicar muito a luta.

A Unidade Sindical

As últimas reuniões da Unidade Sindical se concentraram na elaboração do seu regimento interno e têm contado com mais de 30 sindicatos e associações profissionais. A participação tem se dado principalmente através de diretores sindicais e justamente nesse ponto é que se apresenta o perigo de cupulismo. Ou seja, acaba sendo uma organização de dirigentes sindicais e não uma organização de trabalhadores e líderes sindicais.

Se a Unidade Sindical, através de seus estatutos, não abrir espaço para a participação de trabalhadores que não estejam nas diretorias, ela não irá contribuir para a Unidade e perderá sua força.

Transformar os plenários da

Unidade Sindical em reunião só de dirigentes é na prática criar estímulos ao paralelismo. E como poderemos resolver isto? Dando voz e voto às oposições e grupos políticos que estão fora da diretoria? Não, isso seria criar o divisionismo e cair numa política de grupos e destruir a Unidade Sindical. A proposta mais democrática está na escolha dos participantes.

O regimento interno deve prever que os participantes da plenária sejam de dois tipos: os nomeados pela diretoria e os eleitos em assembleia. As assembleias devem ter ampla convocação e propagandas para discutir a política sindical e tirar delegados.

Este é o melhor método para aumentar a representatividade. Afinal, dizer que os diretores são perfeitamente representativos é cinismo, se levamos em conta os métodos eleitorais e a portaria 3437 que impedem eleições livres e democráticas nos sindicatos.

O ENTOES e a CUT

O 2º ENTOES de S. Paulo foi mais uma vez marcado pela política de grupos e teve a organização tão prejudicada que o plenário acabou não decidindo nada, delegando responsabilidades

para representantes escolhidos nas categorias. Apesar disso as reuniões dos grupos foram realizadas com proveito.

Apareceram algumas propostas com claro interesse divisionista, como a proposta da CUTIE, que já é uma separação da CUT, e até mesmo a ideia do ENTOES virar uma entidade nacional que seria a base da CUT. Mas é verdade que várias correntes e trabalhadores apoiaram o CONCLAT.

O ENTOES só pode mesmo ser considerado um Encontro, porque a representatividade dos delegados é bastante frágil. Os delegados não foram eleitos em assembleias das categorias e qualquer grupo de trabalhadores poderia enviar delegados.

A conclusão é que se chega é que o movimento operário e dos trabalhadores poderá avançar com firmeza se combater o espírito de cupulismo e a política de grupos. A política de grupos é também uma forma de cupulismo e já tem causado muito prejuízo ao movimento estudantil. A convocação de um Congresso Estadual dos Trabalhadores, unitário, com delegados tirados em assembleias e com a participação das diretorias, seria um grande passo para a preparação do CONCLAT.

Comerciários

A maior categoria de Minas Gerais e que no ano passado teve uma combativa greve continua com seu sindicato nas mãos dos pelegos. A Oposição dos Comerciários perdeu as recentes eleições. Isto principalmente devido à inexperiência, manobras do pelego, pouca sindicalização e organização nas lojas, etc. Também a polícia atuou para prejudicar a Oposição, impedindo faixas e megafone. Mas, apesar de tudo, conquistou-se uma vitória: democratizou-se um pouco mais o sindicato.

Engenheiros

A chapa 2, de oposição, para o sindicato dos engenheiros de Minas Gerais ganhou as eleições mas não pôde tomar posse. No dia da eleição, os pelegos — desde 1952 no sindicato e tendo como diretor o prefeito de Belo Horizonte — ao verem que perdiam, protestaram contra "irregularidades", pedindo à "contaminada" Delegacia Regional do Trabalho novas eleições. Agora os engenheiros se preparam para o próximo pleito, em 3 de novembro.

Bancários

Numa assembleia bastante tumultuada, dia 28, os bancários de S. Paulo decidiram não aceitar a "ridícula" contraproposta patronal e se mobilizam para nova assembleia, ainda sem data fixada. A participação da categoria ainda é pequena, devido ao receio do desemprego e à experiência frustrada da greve passada. Outro fator

prejudicial é a divisão existente na diretoria, que se reflete nas assembleias.

Eleições

Em outubro haverá eleições no sindicato dos alfaiates e costureiras de S. Paulo e para competir com a atual diretoria desvinculada dos interesses da categoria teremos a Chapa 2, Renovação, que tem como principais bandeiras: melhoria do salário e das condições de trabalho; fiscalização constante das irregularidades nas firmas.

Inauguração

Foi inaugurada no dia 31 de agosto a Delegacia de Ltinga do Sindicato da Construção Civil de Imperatriz-MA, apesar das ameaças dos fazendeiros e patrões das madeireiras e do descaso do presidente-pelego do Sindicato em Imperatriz, sr. Plínio. Os operários afirmam que terão uma delegacia autêntica, de luta contra a exploração. Para isto têm se reunido constantemente.

Metalúrgicos

Com cerca de 500 pessoas, tomou posse no último dia 29 a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói-RJ. Com grande animação brindou-se a derrubada de mais um pelego. Abdias, o presidente, em seu discurso condenou o terror fascista como tentativa de calar a voz dos operários. Falaram também as chapas de oposição dos rodoviários de Niterói e Rio e dos metalúrgicos do Rio, o MUM.

PORTA DE FÁBRICA - PARAÍBA

Vida dura na Espasa

Os operários de João Pessoa, além dos baixos salários, sofrem as mais desumanas condições de trabalho. A fábrica de móveis ESPASA é um exemplo disso.

Na ESPASA, os operários recebem o salário mínimo e quase sempre atrasado. "Quando a gente vai pedir as férias, eles dizem que não têm dinheiro nem para o pagamento dos salários", conta uma operária da "Tribuna". "Muitos operários estão com as férias 'vendidas'".

Nas últimas semanas muitos empregados foram demitidos e para receber a indenização é uma novela.

Mas não são só esses os problemas da ESPASA. Segundo

os operários existe lá muita coisa irregular, contrariando a própria CLT. Os operários entram às 6:40 e saem às 5 da tarde, só têm um intervalo das 12 às 13 para almoço e tiraram até o horário do lanche. As mulheres agora estão trabalhando na serra e até na pintura. "Os acidentes de trabalho são muitos", diz uma operária, "na enfermaria tem médico mas não tem remédio, nem álcool, lá só tem Dorilax", arremata.

A situação é bastante aflitiva e alguns operários tomam atitudes isoladas considerando o sindicato fraco. Só a união de todos poderá fazer o sindicato funcionar. Se o sindicato ainda é fraco isto é mais um motivo para empurrá-lo para a frente.

Lavradores com D.José

No último dia 17, quando o povo de Propriá realizava uma procissão de apoio ao Bispo D. José Brandão de Castro, a polícia do governador Augusto Franco, dirigida pelo raivoso Barreto Mota e apoiada pelo arbitrário Clélio Lins Batista, transformou a pacata cidade numa praça de guerra, implantando o terror com vários automóveis usando chapas frias, metralhadoras, fuzis, e revólveres de grosso calibre.

Cinco soldados fortemente armados prenderam, algemaram e espancaram Clodoaldo dos Santos, líder camponês, Hermenegildo Rosa e Antonio Teixeira, todos de Santana dos Frades.

O capitão da PM André Lucas comandou a operação de isolamento de Propriá, fazendo barreiras em todas as entradas do município. O deputado do PMDB Nelson Araújo, que foi perguntar ao capitão porque ele sitiava a cidade, foi algemado, espancado e recebeu a resposta de que "deputado aqui é merda".

Mesmo assim teve início a procissão, com o povo carregando faixas onde se lia "Plante sem medo onde?", "Terra para os

camponeses, não para os bois", "Lavradores sem terra unidos com D. José".

A perseguição aos trabalhadores e à igreja tem sido de grande violência, com agressões e ameaças a vários padres e líderes sindicais. Um exemplo: dia 26 de novembro de 1978 a Catedral de Propriá foi invadida por pistoleiros, na presença do prefeito e do delegado de polícia, durante missa. Nenhuma providência foi tomada. Também a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), órgão dos latifundiários, tem perseguido os trabalhadores. Outro fato curioso: recentemente posseiros de Santana dos Frades foram presos sob acusação de terem roubado cocos de suas próprias terras. O bispo D. José Brandão, religioso ligado aos trabalhadores e perseguido pelos poderosos, mais uma vez denunciou o caso. Outro líder bastante perseguido ultimamente é o presidente do Sindicato dos trabalhadores rurais da região, Geraldo Pedro dos Santos, já que é um combativo dirigente. (do correspondente)



Camponeses de Marabá partindo para uma manifestação: não se conformam com a grilagem VIOLENCIA EM MARABÁ

A farsa do GETAT-Pará

Na região de Marabá desenvolve-se uma verdadeira guerra pela posse da terra. De um lado milhares de famílias de posseiros, pequenos proprietários, em busca da realização do sonho de possuírem um pedaço de terra onde possam trabalhar em paz; de outro lado os grileiros, latifundiários e empresários, com apoio do governo e da polícia.

O INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, é conhecido pelos posseiros como "Infelizmente Nada Conseguimos Realizar na Amazônia". É um dos principais responsáveis pelos muitos conflitos na região, porque as terras da União quando licitadas são vendidas para quem oferece o maior preço e o posseiro, mesmo ocupando a terra e tendo prioridade de compra, não tem condições de concorrer com os grandes empresários oferecendo o mesmo preço.

GETAT acoberta safados

Desgastado o INCRA, o governo criou o Getat, "com a finalidade de coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária no Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Oeste do Maranhão", segundo seu artigo primeiro. Mas segundo o deputado Ademir Andrade, da Tendência Popular do PMDB, "eles criaram o Getat para ver se enganavam novamente o povo, como vêm enganando durante todo esse tempo. Prova disto é que o executor do Getat é um

fazendeiro. Quem é lavrador na direção do Getat? Só fazendeiros fazem parte da direção".

Dia 20 de julho, por ocasião da instalação do posto do Getat em Arraias, localidade a cem quilômetros de Marabá, Ernesto Martins em seu discurso afirmou: "Primeiramente, é necessário saber se as autoridades já estão a par de que aqui no Arraias nós enfrentamos muitas dificuldades. O maior mal é a grilagem de terras. E pior ainda é que os grileiros safados (aplausos) usam o nome de autoridades e de órgãos como antes o INCRA e hoje o Getat, para acobertar suas intenções, suas maldades... Estamos cansados de ouvir promessas (o povo ri e grita: "Muito bem, fala Ernesto, faz aí o nosso desabafo"). Por causa deste discurso Ernesto foi preso durante 10 dias, ficando dois dias sem comida e quatro incomunicável, além de ser humilhado e ofendido moralmente.

Violência contra posseiros

O que ocorre ao longo da PA 150 retrata bem a situação da região. Nesta estrada cada quilômetro é um marco de grilagem e violência contra os posseiros. Alguns destes conflitos envolvem até duzentas famílias, como o do Quilômetro 121, onde "cerca de duzentas famílias estão sendo perseguidas pelo Condomínio Espírito Santense, grupo de grileiros capixabas que diz possuir 58 glebas (cada gleba possui 3 mil hectares). Iniciados os primeiros

choques entre posseiros e grileiros, chegou-se a concluir, numa reunião no INCRA de Marabá, por um acordo entre as partes... Mas em maio deste ano um advogado do Incra exigiu a retirada dos posseiros de um lado do rio Douro, em frontal desrespeito ao acordo", segundo matéria do jornal "O grito da PA-150, da CPT de Marabá.

Nos quilômetros 170 e 175, quem está grilando terras é a Mercedes Benz e o Pão de Açúcar, segundo a CPT de Marabá, através do grileiro Chico Cacau, cada firma querendo 16 glebas de terra. A grilagem na região se dá principalmente pela falsificação de escrituras ou então pela ocupação de uma área, às vezes muito superior àquela da qual o grileiro tem o título definitivo de domínio.

(Newton Miranda)

Errata

No artigo do número passado o texto final do artigo "Miséria na trilha do ouro" saiu com alguns erros; os principais são: os preços citados são do início do garimpo quando as mercadorias eram transportadas por avião; em lugar de "o misterioso Major Curio já disse que sua intenção é ser", leia-se "o misterioso Major Curio tem a intenção de ser"; a quantidade de ouro estimada é de 100 toneladas e não 40 milhões de toneladas; o nome do novo território que seria criado é Carajás e não Marabá.

Pau-Brasil não se dobra Germano!

A região de Pau Brasil, no município de Conquista (Bahia), é hoje uma área de grande conflito de terras. Lá cento e dezoto famílias, que trabalham a terra há quase trinta anos, estão começando a responder à violência dos jagunços com a força. Os posseiros não estão mais aceitando as provocações do grileiro Germano, que há doze anos tenta expulsá-los da terra, sempre contando com a ajuda da polícia.

Posseiros reagem

A tensão aumentou ainda mais na semana retrasada. Por não se intimidarem frente às ameaças dos jagunços de Germano, quatro lavradores, Vitorio P. Santos, José F. Gomes, Otelino Nicolau Silva e Jesuino Souza, foram intimados a comparecer na Delegacia Regional de Conquista. Quando para lá se dirigiam, acompanhados por quarenta companheiros, depa-raram-se com o grileiro Germano, que amedrontado escondeu-se numa casa e fez três disparos.

Imediatamente os posseiros reagiram, utilizando suas espingardas de caça, furando os pneus e quebrando o parabrisa do carro do grileiro, invadindo a casa para tirar seu armamento. Enquanto isso o grileiro escondia-se covardemente no banheiro da casa.

Pouco depois Germano, com sete soldados e um cabo da polícia, este armado de metralhadora, avançou sobre os posseiros, tirando-lhes as armas. Com coragem, um posseiro reagiu à ameaça de um policial que o mandava calar a boca: "Em minha boca quem manda sou eu. Podem me levar preso, mas não venha com brutalidade".

Não se intimidam

Mas os posseiros já despojados de tudo não se intimidaram. No mesmo dia, quando souberam da notícia que lavradores rumaram para Vitória da Conquista, alojando-se na Paróquia das Graças. Eles impetraram habeas corpus e saíram em passeata pelas ruas gritando palavras de ordem.

Não é a primeira vez que os posseiros respondem de forma decidida às agressões da grilagem. Mas agora a resposta foi dada com maior união, mais apoio da população de Conquista, mais agressividade e firmeza.

(do correspondente em Vitória da Conquista - BA).

ASSASSINATO EM PERNAMBUCO

Deu a vida pelo sindicato

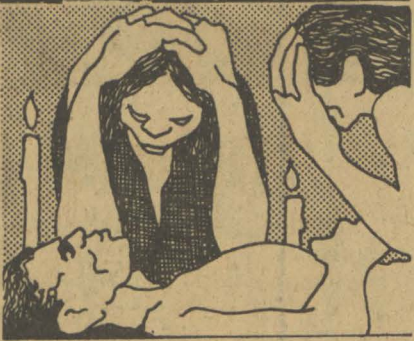
Mais um companheiro tomba na luta. Desta vez foi José Francisco dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, Pernambuco.

José Francisco foi covardemente assassinado na madrugada do dia 15 de agosto; era o presidente de sindicato mais "afolito", segundo os fazendeiros, porque fazia denúncias pela aparelhagem de som e mobilizava a categoria.

Ultimamente a coisa vinha se agravando e José Francisco previu o perigo. Dizia sempre: "Minha vida é o Sindicato e por ele dou a minha vida". Foi um ferrenho adversário de uma "quadrilha" que se formou no Funrural de Correntes, ameaçado de morte pelo chefe da quadrilha, Dirceu Cardoso.

"Foi morto por motivos políticos", "foi morto porque defendia a gente" e "porque o sindicato tinha muita questão de terra, com gente grossa", é a conclusão de alguns trabalhadores.

Mais de dois mil trabalhadores acompanharam o enterro de José Francisco no dia 16. E quase cinco mil participaram da missa de sétimo dia e do ato de solidariedade que se seguiu.



Terminada a missa, os trabalhadores portando faixas e cartazes saíram em direção ao cemitério onde seria realizado o ato público. Quando passaram em frente ao Sindicato todos pararam e fizeram um minuto de silêncio, em memória dos que tombaram na luta pelo direito dos trabalhadores e pela Justiça.

"Tiraram José Francisco desta terra, mas não conseguirão tirar o Sindicato e a sua classe" disse o representante da CONTAG, Bartolomeu Moraes. O presidente empossado no lugar de José, o Cazuzu, disse com firmeza: "A luta vai continuar e para isso preciso do apoio de todos". (da Sucursal de Recife)

INTERNACIONAL

DIREITOS HUMANOS

Camponeses perseguidos no Paraguai

A presidente da Comissão de Direitos Humanos do Paraguai, Carmen de Iara Castro, anunciou que está sendo articulada uma visita da Comissão de Direitos Humanos da OEA ao Paraguai, para investigar a situação dos presos políticos e pressionar a ditadura de Alfredo Stroessner para que devolva aos familiares os corpos dos 14 camponeses enterrados numa vala comum na localidade de Santo Antonio-mil.

Os mortos são camponeses da Colônia Acaray (Nova Esperança), situada a 40 quilômetros de Foz do Iguaçu, que decidiram ir até Assunção, no dia 8 de março, para protestar contra as arbitrariedades que estavam sofrendo. No quilômetro 30 da estrada que liga Presidente Stroessner a Assunção, o grupo foi barrado pela polícia, travando-se um tiroteio. Os camponeses tiveram de se embrenhar na mata, onde foram ferozmente perseguidos pelo Exército, que mobilizou cinco mil homens e centenas de "milicianos".

Farsa a violência

Os sobreviventes do grupo de camponeses estão sendo agora submetidos a uma farsa de processo: o regime de Stroessner procura apresentá-los como "bárbaros sanguinários", embora entre os réus figure a menina Apolonia Flores, de 12 anos, que foi metralhada nas pernas antes de ser presa. Victoriano Centurió, que liderou o grupo, é dado como foragido, mas seu irmão, Sixto Centurió, afirma que ele foi assassinado pelo Exército.

Em toda a região perdura um clima de terror generalizado. A colônia de Acaray continua ocupada pelo Exército. Os "milicianos" foram autorizados a executar qualquer pessoa suspeita, e a ditadura paraguaiense ofereceu a quantia de até 500 mil guaranis a quem demonstrar tal ato de "lealdade ao generalíssimo Stroessner". Os "milicianos", uma espécie de Esquadrão da Morte paraguaiense, foram criados pelo chefe do departamento de investigações da polícia, Pastor Coronel. São conhecidos também por "los pyandis" (os descabelos) e são pagos para matar os "comunistas", ou seja, todos os opositores que não conciliam com a ditadura de Stroessner. (da Sucursal do Paraná)



Albânia: o socialismo de verdade

O poder com os operários

"Aqui — dizem os albaneses — é a classe operária que dá o tom". O poder político está com ela. Os operários representam entre 30 e 40% da mão-de-obra do país, mas ocupam 58% das cadeiras da Assembléia Popular, que é o órgão supremo do Estado. Os outros deputados são camponeses cooperativistas, uma classe amiga da operária, ou ainda intelectuais formados dentro do espírito do proletariado.

Mesmo antes da libertação do país, em 1944, a classe operária albanesa foi a única capaz de formar seu partido. Isso facilitou bastante seu papel dirigente na revolução e na construção do socialismo. Hoje, o partido comunista, chamado Partido do Trabalho da Albânia, goza do apoio irrestrito da sua classe e de todo o povo.

99,9% da votação

Nas eleições, que se realizam com a regularidade de um relógio, praticamente todos os votos (99,9%) vão para os candidatos do PTA. "Isso é uma farsa", dizem alguns estrangeiros, torcendo o nariz. Mas os albaneses têm outra explicação. Eles argumentam que a direção do partido é um assunto já resolvido no seu país, tão resolvido como, por exemplo, a questão da independência nacional. Assim, mesmo que haja uma minoria de pessoas que não morre de amores pelo PTA, a pressão da maioria é tamanha que na hora eles votam com o partido.

E o segredo dessa unanimidade está numa palavra de ordem que cobre muitos muros albaneses: "O que o povo quer, o partido faz; o que o partido quer, o povo faz".

Mas o poder operário não é monopolizado pelo partido. Existe uma grande preocupação em seguir à risca o ensinamento de Lênin, de que a classe operária também tem que participar do poder enquanto classe, como massa operária, de baixo para cima. E não só os operários, mas todos os trabalhadores.

De baixo para cima

Para isso existe o chamado controle operário-camponês. São grupos de operários, membros ou não do PTA, eleitos em as-



Mineiro albanês: no poder

sembléias por cada local de trabalho. Esses grupos têm carta branca para controlar tudo e todos, inclusive as organizações partidárias. E quando encontram algum problema, de burocratismo, por exemplo, não têm dúvidas: convocam logo uma assembléia dos trabalhadores da empresa ou instituição afetada, e se os burocratas não se emendam, vão para a base.

Outra coisa: qualquer albanês tem o direito de pagar em qualquer parede do país um cartaz criticando qualquer pessoa, "graúda" ou não. Basta assinar o nome. E o criticado tem de responder dentro de um certo prazo. Não é difícil ver cartazes como esses criticando um ministro, e assinado por um simples operário.

Mas o que mais impressiona na democracia operária albanesa é o grau de participação. Em 1976, por exemplo, o país discutiu sua nova Constituição. Num país de 2,6 milhões de habitantes, 1,5 milhão de pessoas participaram das reuniões sobre o assunto. Deste milhão e meio, 400 mil tomaram a palavra para dar sua opinião sobre o projeto, dizendo o que achavam certo e o que precisava mudar. Somente depois disso a Assembléia Popular reuniu-se para aprovar o texto final. O mesmo esquema funciona ao nível de cada empresa, para discutir as metas de produção, de cada escola, bairro, aldeia, etc.



Assembléia final que abalou o falso socialismo e fez renascer a esperança dos operários

GREVES NA POLÔNIA

Arrancada operária

No dia 31, depois de dois meses de greves, os operários da Polônia voltaram ao trabalho de cabeça erguida. Arrancaram do governo todas as 21 reivindicações que faziam.

As reivindicações essenciais — sobre as quais os grevistas não transigiram — foram a formação de sindicatos independentes e o direito de greve. A primeira deverá selar o fim dos atuais sindicatos poloneses, inteiramente subordinados ao Estado e ao "Partido Operário Unificado", que desde 1956 vêm tirando os interesses da classe operária. O direito de greve, por sua vez, permitirá que os trabalhadores voltem a cruzar os braços frente a qualquer tentativa de desvirtuar o acordo.

O acordo entre o governo e o Comitê de Greve Interfábricas (MKS) liderado pelos operários do estaleiro "Lênin" reconhece ainda outros direitos econômicos e políticos da classe — como a reintegração de todos os trabalhadores afastados depois das greves de 1970 e 1976.

Omissão e cautela

A esmagadora vitória se deve à firmeza, organização e forte união do movimento, que forçou o governo a sucessivos recuos. Por exemplo: o governo pretendia negociar apenas com cada fábrica em separado, para quebrar a união dos operários, mas no fim teve que engolir as conversações com o MKS, reconhecendo-o como legítimo representante dos trabalhadores.

A cada recuo, o governo rosnava advertências e acenava com uma intervenção militar soviética. Mas Moscou, já às voltas com a intervenção no Afeganistão, não quis abrir outra frente de conflito aberto no Leste Europeu. Os Estados Unidos e a Alemanha Ocidental, por sua vez, agitaram as greves na imprensa, para denegrir o comunismo, mas silenciaram cautelosamente em termos oficiais. Afinal, uma rebelião operária poderia por em risco o pagamento dos grandes empréstimos feitos à Polónia.

Economia caótica

Já a Igreja passou da omissão inicial à condenação aberta da greve. O cardeal primaz da Polónia, Stefan Wyszynski, passou 45 minutos falando pela televisão, tentando convencer os operários a voltar ao trabalho. E os partidos pró-soviéticos de todo o mundo ficaram em maus lençóis para explicar aquela poderosa greve num país onde, segundo

eles, a classe operária detém o poder.

O estopim da revolta foi a política econômica oficial, de atrelamento ao capital externo, digna de qualquer Delfim Netto. Após o levante operário de 1970, a Polónia passou a contrair grandes dívidas, principalmente junto à Alemanha Ocidental, para atingir um ilusório progresso, de tipo capitalista.

Essa injeção financeira terminou arrastando o país para o fundo do poço. Hoje, sua dívida externa de 18 bilhões de dólares custa anualmente 6 bilhões em prestações e juros. A renda nacional caiu 2% em 1979 e espera-se uma inflação recorde para este ano.

A saída encontrada pelo governo, contudo, baseia-se em mais empréstimos e restrições econômicas, como o fim dos subsídios alimentares. Isto originou um aumento de até 60% no preço da carne, deflagrando o mais poderoso e bem sucedido movimento grevista já registrado no país.

No dia 27 passado, representantes de diversas entidades dirigiram-se ao consulado da Polónia em São Paulo, para entregar um abaixo-assinado de solidariedade aos trabalhadores poloneses em greve. O conselheiro Yaw Yacoswsky recebeu a delegação, mas se recusou a aceitar o documento, dizendo que o consulado "trata apenas de questões diplomáticas". Os representantes insistiram na entrega, levando o polonês a afirmar: "Esse documento interfere nos assuntos internos da Polónia. Imaginem vocês que eu o aceitasse. Depois, em qualquer movimentação que acontecesse no Brasil, as entidades e organizações polonesas se separariam do direito de fazer o mesmo que vocês". Eis um curioso conceito de solidariedade internacional...



fala o POVO

“Fala o Povo” vem refletindo cada vez melhor a realidade viva dos acontecimentos em nosso país. Neste número recebemos cartas sobre campanhas salariais, o Movimento Contra a Carestia e outros movimentos populares que vêm se manifestando ultimamente. Além disso, queremos agradecer o apoio que recebemos de nossos leitores, que se juntaram a nós para repudiar os atentados terroristas, que atingiram inclusive nossa sucursal no Rio de Janeiro. Não nos deteremos em nosso caminho. Os atentados de extrema direita que contam com a cumplicidade do regime não farão com que nosso jornal recue. E estamos seguros de que é essa também a posição do movimento popular e democrático em nosso país. (Olivia Rangel)



MCC cresce em Sorocaba

No momento em que nosso país encontra-se mergulhado numa profunda crise, o governo dos generais, desgastado, procura uma saída que venha de encontro aos interesses da classe dominante por ele defendidos, tentando impingir o peso de sua incompetência aos trabalhadores. E o povo cansado diz não à exploração. E compreendendo que só mesmo a classe trabalhadora organizada conseguirá derrubar o governo e sua política social e econômica, a população engrossa os movimentos populares e parte para a briga. Em Sorocaba a realidade não poderia ser outra: diante desse quadro, o Movimento Contra a Carestia começa a ganhar força

em nossa cidade. Vem se articulando aqui há menos de um mês e já conseguiu aglutinar mais de 300 pessoas, num show promovido em conjunto com o Movimento de Periferia.

O show promovido pelo Movimento Contra a Carestia e o Movimento de Periferia foi realizado por Doroty e Décio Marques em Aparecidinha, bairro bastante afastado da cidade, onde os dois movimentos desenvolvem atividade conjunta.

Felizmente podemos afirmar que também em Sorocaba os movimentos populares crescem e caminham para tomar a frente da luta de libertação do povo brasileiro. (M.A.B. - Sorocaba, SP)

Demagogia perde terreno na empresa

A Viação Campo Grande parece que encontrou um “método eficaz” para reprimir os seus funcionários. Nesses tempos de luta dos rodoviários do Rio, a Viação Campo Grande encontrou forte resistência de seus funcionários. Ela perdeu o total controle de seus empregados. E para contornar novamente a situação, sem ter que com isso abrir mão dos direitos dos empregados, ela começa a demitir sumariamente todos aqueles que têm mais de um ano de casa e se mostram simpáticos às lutas sindicais.

Por seu turno, os companheiros não encontraram outra forma de luta a não ser a de pôr a empresa na Justiça. Isso tem causado um grande número de processos contra a Campo Grande, nesses últimos três meses. Se por um lado essa forma de luta se mostra precária, por outro ela, na pior das hipóteses, deixa claro o descontentamento dos empregados, que até há pouco a consideravam uma das melhores empresas para se trabalhar. A demagogia perde para a consciência de classe. (Um empregado da Viação Campo Grande - Rio de Janeiro, RJ).

Moradores lutam contra despejo

Guandu do Sena está em completo abandono. Ônibus só existem dois. Quando ocorre defeito em ambos, a população fica a pé. Escola só primária. Quem quiser estudar um pouco mais, vai até Vila Kennedy ou Bangu. Saneamento é uma desgraça. De vez em quando passa uma máquina para limpar o mato que fica em volta do valão. Conclusão, o entulho cai todo dentro da vala, dificultando a passagem dos detritos.

Mas o problema mais sério é a questão da terra. Nela os moradores moram há mais de 30 anos, mas a partir de 1974 o sr. Odorico surge dizendo ser sua toda aquela terra. E propõe aos moradores a mudança para outras terras. Como os moradores não aceitam, o sr. Odorico faz pressão utilizando diversos métodos, até capatazes armados. Hoje a situação esfriou um pouco; mas os moradores estão inseguros, pois se construírem as suas casas, correm o risco de serem despejados depois. (Morador de Guandu, RJ).

Para enxergarmos o sol da liberdade

Venho mais uma vez tornar público, através deste corajoso jornal, os trabalhos que temos feito e o preço que estamos pagando por isto na cidade mineira de Montes Claros.

Em fins do ano de 1979, iniciaram-se os trabalhos para criação da Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Montes Claros, futuro Sindicato dos Metalúrgicos. De início o presidente Wander Miguel foi demitido, assumindo a presidência o companheiro José Pinto, que também teve o mesmo destino, sendo que era funcionário da Almec.

Não desistimos. Eu era vice-presidente da Associação e então assumi a presidência da mesma. A bendita empresa (MECA) que me escravizava como sempre me demitiu. Isto em total arbitrariedade e desrespeito para com a superada CLT, que dá “estabilidade” aos dirigentes sindicais.

Depois de me pressionarem, inclusive colocando espões para me vigiar, a empresa me ofereceu salários tentadores e posições carreiristas. Como eu recusei, fui demitido. A ameaça de demissão, pressão e toda sorte de arrocho salarial e produtivo é que se encontra na famigerada firma.

A Peugeot (ALMEC), responsável pela demissão de dois diretores, é a pior de todas. Tem gente que foi admitida há três anos como ajudante e até hoje continua com a mesma função. São inúmeras as demissões alegando justa causa, advertências tolas e suspensões injustas. O esquema de prevenções contra acidentes é o pior possível. Dezenas de pessoas têm sido vítimas dos mesmos, perdendo dedos e até mãos. E são posteriormente mandados embora.

O pagamento não tem dia certo para ser feito. Sai com 10 a 20 dias de atraso todos os meses. A Associação porém tem se posicionado ao lado dos companheiros, tendo eu mesmo entrado com a minha causa na justiça, pedindo a minha reintegração na empresa, pois é o meu direito.

Conclamo a todo operário para que lute em perseguição de seus ideais, pois só unidos teremos forças para vencermos e destruímos estas barreiras malditas que nos impedem de enxergarmos o sol da liberdade. Isto aqui é a terra de fome para os operários e berço de ouro para burgueses, principalmente se falar enrolado. (José Paulo Ferreira Gomes, presidente da Associação dos Metalúrgicos de Montes Claros, MG).

Preparar o ENTOES

Com vista ao ENTOES, várias categorias profissionais da Bahia vêm se reunindo há mais de dois meses com o objetivo de organizar o 1º Encontro Estadual de Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical, que deverá ser realizado nos dias 6 e 7 de setembro. A luta pela realização do mesmo tem encontrado grandes dificuldades, inclusive nas diversas categorias em campanha salarial e eleitoral.

Na coordenação provisória, por ter sido constituída prematuramente, e não obstante ter a participação dos sindicatos dos Jornalistas e Médicos, bem como a oposição dos professores, a grande maioria dos integrantes não tem representatividade. Isso está tornando as coisas também difíceis.

Mas a luta pela superação destes problemas prossegue. E já estão participando as diretorias dos sindicatos dos Médicos, Jornalistas e Petroquímicos, Veterinários, músicos através das suas

associações profissionais. Participam ainda as oposições bancárias e dos professores, bem como trabalhadores ativistas e ex-dirigentes sindicais cassados. Também já estão comprometidos Sindicatos de trabalhadores rurais.

A poucos dias da realização do Encontro Estadual, algumas propostas já estão sendo discutidas com mais destaque: entre estas, a mobilização para a criação da CUT, a organização por fábricas com vistas a fortalecer a luta dentro dos sindicatos. O combate às correntes conciliadoras dentro do movimento sindical ganha corpo e se destaca, bem como as discussões em torno da necessidade de que a luta contra a estrutura sindical vigente caminhe junto com a luta maior pela derrubada da ditadura. No momento se faz necessário uma ampla mobilização popular pela Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana. (W.J.S. e H.J.L. - Salvador, BA)



Índios protestam

Os índios da tribo Ful-ni-ôs, no município de Aguas Belas, Pernambuco, levantaram-se em sinal de protesto e destruíram parte da BR-423, que liga Garanhuns e Paulo Afonso. A rodovia, iniciada há alguns anos e concluída recentemente, divide as terras dos Ful-ni-ôs em duas partes. De um lado fica a morada dos índios e do outro lado da BR fica o “Ouricuri”, local onde, anualmente durante três meses, os índios da tribo praticam os seus atos religiosos.

No início da construção da BR, os índios Ful-ni-ôs exigiram do DNER a construção de um túnel, onde, durante o Ouricuri, eles pudessem trafegar livremente sem serem atropelados, como ocorreu por mais de uma vez. Segundo as tradições indígenas, os índios “não podem atravessar estrada de pedra no tempo do ouricuri”. Inúmeros foram os pedidos dos

chefes da tribo ao DNER, ao Ministério dos Transportes, ao governo do Estado, mas nenhum deles foi até agora atendido.

Cansados de esperar e de serem tantas vezes enganados, os Ful-ni-ôs reuniram-se organizadamente no dia 16 de agosto e iniciaram a construção do seu “Passador”, abrindo um canal enorme na pista, o que impediu o tráfego de todo automóvel que ia ou vinha em direção a Garanhuns e Paulo Afonso. Logo chegou a DNER que mais uma vez fez promessas de construção do túnel. Só aí os Ful-ni-ôs resolveram deixar passar os carros.

Hoje, o DNER informa que a verba que seria utilizada na construção do túnel não foi liberada, o que poderá causar um novo levante dos índios, que lutam para que os seus direitos e tradições sejam respeitados. (M.T. - Garanhuns, PE)

Falta visão política

Faixas, cartazes, discursos, propaganda na televisão, etc., não foram o suficiente para estimular os bancários a comparecerem à assembleia da campanha salarial, realizada dia 17 de agosto, à qual estiveram presentes cerca de mil bancários, numa categoria de 132 mil.

Por que isto aconteceu? Os bancários sempre foram combativos: conquistaram a jornada de seis horas, a semana de cinco dias, fizeram em 1934 uma greve nacional que durou 51 dias. Em 1978, quando ousaram fazer greve ganharam o famigerado decreto 1.632, enquadrando-os nos setores

considerados essenciais para o governo.

Na assembleia, o pouco comparecimento não demonstrou falta de interesse pelo aumento do salário e estabilidade no emprego. Demonstrou, isto sim, que não estamos organizados e unidos o suficiente para enfrentarmos nossos patrões. Nós, bancários, entendemos que a desorganização da categoria é reflexo da falta de contato mais estreito da diretoria com os bancários durante o ano todo e da falta de uma orientação que aponte para questões políticas e não simplesmente às questões econômicas. (Bancários amigos da Tribuna - São Paulo, SP).

Apoio aos metalúrgicos

E com muita expectativa que vemos o desenrolar das eleições do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro.

Como é de conhecimento de todos, tivemos há menos de um ano a nossa eleição, sob o fogo cerrado do inimigo e nas piores posições no campo de batalha. Conseguimos ainda assim alcançar os objetivos mínimos. Para não dizermos que as condições foram totalmente adversas, temos a disposição e a convicção de que a vitória virá, mais di ou menos dia.

A oposição dos rodoviários é um conjunto de forças e nós, que representamos uma das parcelas dessas forças, resolvemos tirar uma posição de apoio e de solidariedade à chapa do Movimento de União Metalúrgica (MUM) pois só dessa forma estaremos concretamente contribuindo não somente para os metalúrgicos, mas também para todo o movimento operário e sindical, tão reprimido e atrelado, do Rio de Janeiro. (Um grupo de rodoviários - Rio de Janeiro, RJ)

Joguei meu voto fora

Estou fazendo a minha assinatura deste jornal porque gosto da verdade, gosto sempre de unir para lutar pelos meus direitos e pelos direitos dos irmãos que me cercam, que estão sendo pisados e massacrados por um sistema que quer explorar a pessoa humana em todos os níveis.

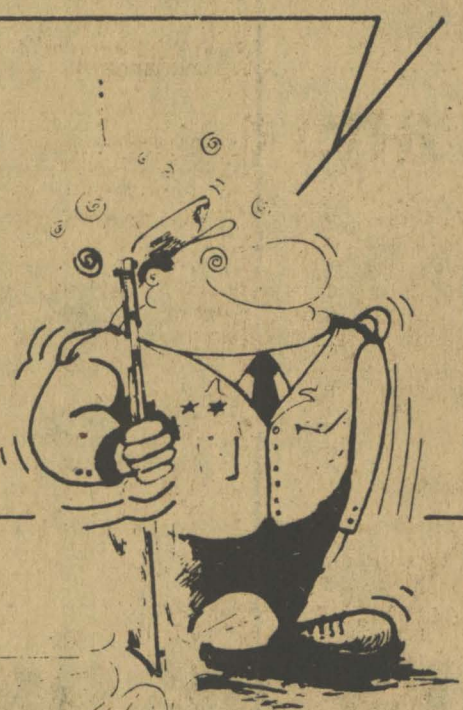
Sou de uma cidadezinha do interior de Minas, no Vale do Jequitinhonha. Foi este Vale, ou seja, o povo do mesmo, quem contribuiu para que o Franceline subisse em sua carreira política. Hoje estamos ganhando muito com isso. Sabe o que? Maus salários, condições precárias de estudo, professores com salários de fome. Os pequenos comerciantes já estão quase fugindo do comércio, porque os impostos estão insuportáveis. Aqui vai uma música adaptada de “Asa Branca”. Vale do Jequitinhonha onde o povo é sofrendor nos falta casa, falta escola, e falta terra ao trabalhador

No tempo das eleições deputados vêm pra cá fazem promessas, sorriem pra gente com a intenção de nos comprar

Diz que tem a Codevale que é isso é que eu não sei onde é que fica, o que ela faz por esse vale que não tem vez

Eu joguei meu voto fora ao subir o Franceline atualmente não nos conhece seu Franceline enganador. Um jovem estudante - Padre Paraíso, MG)

GENERAL. TOMAMOS O PODER.
A COCAÍNA É NOSSA.



Quando acabar o estado de sítio

Vinte e três dias depois da sangrenta tomada do governo da Bolívia anunciada em todos os meios de comunicação, e ante seis frustradas tentativas de tomar contato por telefone com minha família, sentindo a impotência que caracteriza um civil, peço ao diretor deste jornal que se digne a publicar estas poucas letras nascidas do sentimento de um estudante boliviano no estrangeiro. Peço desculpas por ficar no anonimato.

No dia em que acabar o estado de sítio na Bolívia e o general Luiz Garcia Meza

deixar o governo. Mulheres e meninos deixarão de chorar e todos os sinos soarão e suas ondas sonoras ecoarão em todos os sinos do mundo. Anunciando o fim de um massacre. Onde morreram irmãos lutando entre irmãos obedecendo à ordem do governo do general Garcia Meza. Os jornais dizem... que, neste país, liberdade não existe. Liberdade de espécie alguma. Nem o vento imponente do

Illimani soa na palha brava do altiplano. Por ordem do general Garcia Meza. Também dizem que... o índio já não toca sua kema porque em cada mão empunha uma dinamite porque sabe que no solo onde pisa seus antepassados também morreram lutando contra outro general Garcia Meza e pelo que foi um dia o império dos Incas. (Um estudante boliviano - São Paulo, SP)

Direito a moradia

Estarrecidos com a notícia de que na quinta-feira, 7 de agosto, policiais armados expulsaram os moradores da invasão Alto da Santa Cruz na base de espancamentos, derrubada de barracos, quebra de vários pertences — inclusive incendiando colchões e chegando a arrastar uma senhora grávida de 8 meses (que está atualmente hospitalizada) — nós, da comissão organizadora da Sociedade Amigos da Chapada vimos a público repudiar esta atitude arbitrária.

Nós, moradores dos bairros menos favorecidos de Salvador, já

estamos cansados deste tipo de atitude que vem virando rotina. Não aceitamos e não nos conformamos com o fato de sermos tratados como marginais. Somos mulheres e homens que, com nosso suor, construímos a riqueza de nosso país e não temos sequer direito e moradia. Por isso temos que invadir terrenos; não porque queremos, mas porque temos direito a um lugar onde morar. Todo nosso apoio aos moradores da invasão do Alto da Santa Cruz. (Comissão Organizadora da Sociedade Amigos da Chapada - Salvador, BA)

Patrão e pelego emperram campanha salarial em PE

Nossa campanha salarial deste ano foi bastante divulgada, através de carro de som, panfletos e em contatos pessoais. Porém, não surgiu o efeito necessário para uma grande mobilização por conta da repressão patronal que foi aplicada no ano passado, quando os companheiros mais combativos eram demitidos. Este ano muitas fábricas não pagaram o salário no dia correto

para impedir os companheiros de irem às assembleias. Outras promoviam jogos e piqueniques e os companheiros que ainda não estão conscientizados cairam na jogada. Outras coisas que desmobilizam os companheiros é a política salarial do governo dos patrões e o sindicato entregue na mão de pelegos. (Um companheiro metalúrgico de Recife - PE).

Há de vir o segundo Grito do Ipiranga

Como leitor assíduo deste precioso órgão de comunicação que é a *Tribuna Operária*, tenho a honra e a máxima satisfação de lhe comunicar que apoio toda e qualquer luta de nossos irmãos operários, camponeses, intelectuais, estudantes, enfim, o povo em geral que batalha por um Brasil melhor.

Gostaria de poder estar sempre ao lado dessa gente, no ABC, no Araguaia ou em qualquer lugar onde persista a resistência contra este regime fascista, que só ampara as multinacionais e os grandes latifundiários, esquecendo-se da obrigação que tem para com os pobres.

Caros companheiros, chegou o momento de mostrarmos aos carrascos do regime quem realmente somos. Já é tempo de fazermos ver que não tememos as metralhas. Se eles têm as forças, nós temos a união (é só usá-la na prática) e no peito o ódio acumulado durante dezesseis anos de escravidão. Porque não fazemos como nossos camaradas cubanos e nicaraguenses? Será que nossa gente unida não conseguiria arrebentar esta burguesia avarenta? Claro que sim! O que falta é só um pouco de coragem do povo oprimido. Mas a paciência do povo está se esgotando e cedo ou tarde o segundo Grito do Ipiranga há de vir. (MOVRE - Satuba, AL).



Com toda a categoria

Os operários da Maclaren Serviços Marítimos vêm há mais de um ano esperando que a empresa com o que prometeu aos soldados, maçariqueiros e pintores, quando na campanha salarial de 1979, que reivindicávamos o quadro de carreira. A empresa reconheceu que as faixas salariais destes profissionais eram muito mais baixas que as demais, e como a categoria não conquistou o quadro de carreira, ela faria uma compensação nas faixas, aproximando-os dos demais.

Após isto ter sido protelado durante o ano de 1979 até agosto de 1980, os operários reunidos forçaram a empresa a dar uma

resposta. Esta, aproveitando o momento em que a política é de demissões em massa pelas empresas, aproveitou. E antes de dizer "não", demitiu um primeiro grupo. Depois se posicionou frente aos operários, dizendo que sua política salarial estava certa, nada tinha a corrigir. E deu o assunto por encerrado.

Os operários analisando o momento atual, em que todas as empresas da área estão aplicando a mesma política de demissões em massa, resolveram se organizar melhor para levantar a luta junto com toda a categoria, reconquistando o quadro de carreira. (Um operário da Maclaren - Rio de Janeiro, RJ).



Prefeito ditador

Escrevo para este conceituado e glorioso jornal que é o órgão máximo da classe operária, porque vem cumprindo o verdadeiro papel de um jornal popular, destacando sempre a luta dos oprimidos contra os opressores.

Aqui vão minhas denúncias de injustiças cometidas pelos representantes da ditadura aqui em Rancharia, na figura do prefeito e seus lacaios, que se aproveitam do desemprego aqui existente para que o povo trabalhe de bôia-fria ou trabalhe quase de graça na Prefeitura Municipal, que paga um salário de fome. O prefeito obriga o cidadão a fazer hora extra quando ele bem entende e quando o cidadão não pode ele manda embora.

Aqui tem trabalhador que está há 20 anos na prefeitura e ganha quatro mil cruzeiros, outros cinco

mil. Destacando os novatos, que entram na prefeitura, só trabalham de contrato de três em três meses e são mandados embora facilmente. Difícilmente recebem o Fundo de Garantia e outros direitos trabalhistas. Os menores que trabalham na prefeitura ganham metade de um salário e o trabalhador só recebe abono a prestação no final, isto quando recebe.

É um pânico entre os trabalhadores, que têm medo de perder o emprego, porque aqui a coisa mais difícil é emprego. Esses trabalhadores são perseguidos pelos dedo-duros e pelo prefeito diretamente. Os impostos aqui são abusivos e até perseguições a contribuintes são feitas, aos que não estão de acordo com os métodos ditatoriais do prefeito. (Um morador de Rancharia, SP).

Reconquistando "O Trilho"

Os ferroviários da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, após longa e árdua jornada, acabaram de obter uma importante vitória em seu sindicato. Após passarem um abaixo-assinado entre seus trabalhadores, conseguiram a recuperação do jornal representativo de sua entidade "O Trilho", cuja impressão havia sido interrompida pelos pelegos. Mas as conquistas não pararam aí, pois junto com a reabertura do jornal obtiveram também a abertura de sua sede aos sábados e alguns dias durante

a semana, até após o expediente. Em comemoração a esta vitória, pretendem lançar o jornal no dia do ferroviário, que deverá ser na segunda quinzena de outubro.

Devemos realçar que esta vitória junto ao sindicato se deve à organização e fibra destes trabalhadores, na luta pelo que lhes é de direito, comprovando mais uma vez a tradição que lhes é característica histórica. (Um colaborador da Tribuna em Bom Retiro - São Paulo, SP)

No Itororó pacientes não tem assistência

O Hospital Municipal de Itororó na Bahia, construído com o dinheiro do povo, só atende aos pacientes em regime particular ou beneficiados pelo INPS, recusando-se assim a atender a maior parte da população, que são camponeses, vaqueiros e posseiros.

Por outro lado, o diretor do hospital, Dr. Alcebiades Cunha, formou-se na década de 50, juntamente com a Dra. Luiza Cunha. E desde sua chegada àquela cidade não mais saíram para se especializar, restringindo-se a receitar Aspirina, Mexoviofórmio, Cibalena, Dorflex e Melhoral. Hoje essa dupla de "ex-médicos" tornou-se dos maiores latifundiários-pecuaristas da região, esquecendo suas atividades de médicos.

Este referido hospital é palco de várias mortes de pacientes, por falta de assistência ou por assistência precária, como foi o último caso, decorrente de um parto. É necessário a criação de uma comissão de Justiça e Paz nesta cidade, onde os representantes do PDS tentam boicotar até um grupo de estudos e ação social que se pretende organizar. (Cidadão de Itoporó, BA).



"Gaiola" faz um ano

O Teatro de Debate do ABC vem de comemorar seu primeiro ano de trabalho no dia 1º de setembro, realizando uma festa no Circo dos Bancários, onde até o dia 16 de agosto apresentou a peça "A Gaiola - Vida, Sonhos e Lutas da Nossa Classe Operária", de Andreone e Romeo.

O Teatro de Debate do ABC já apresentou "A Gaiola" em São Bernardo, Santo André, São Caetano, no Teatro Eugênio Kusnet - São Paulo, na Baixada Santista e no Circo dos Bancários, sempre com elogios da crítica, dos trabalhadores e intelectuais.

Durante a festa o grupo apresentou outros dois elencos de "A Gaiola".

Para setembro, o grupo tem programado: a partir do dia 13 a volta do primeiro elenco (Gaiola I) ao ABC; para o dia 12 a estréia do segundo elenco (Gaiola II) na periferia de São Paulo e de 11 a 28, de quintas e domingos, tem-

A imprensa popular é indispensável

Sabendo das ameaças e perseguições que vem sofrendo a imprensa alternativa, por tentar ser o porta-voz do povo, no momento em que a verdade não pode ser escondida, me solidarizo com vocês e reafirmo o meu compromisso na luta e na divulgação deste jornal. O povo precisa de você Tribuna!

E demais! Chega! Já nos tapearam quando queríamos anistia total; quando pedimos liberdade para o povo, veio uma falsa abertura, inflação, arbítrio, etc. Agora queimam nossos jornais, deixam as revistas pornográficas, etc., mas nossas consciências jamais!

Aqui a situação é gritante por causa da seca. Benefícios vieram, mas para os patrões. Agricultores já fizeram passeatas nas ruas, favelados já foram à prefeitura e nada. Falsas promessas como sempre, mas agora o povo se prepara e vem às ruas. Não sei o que vai dar, aguardem. Continuo com vocês. (L.S. Crateús, CE).



MT : Ninguém come propaganda

Nas festividades do 88º aniversário de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul, não faltou o tradicional desfile das escolas da cidade e a presença do povo nas ruas. Não faltaram também as autoridades civis e militares. Aí é

que o caldo começou a engrossar. Após o desfile o povo dirigiu-se ao Estádio Noroeste, onde às 10 horas iria acontecer o final do campeonato amador da cidade.

Quem iria entregar a taça ao campeão? Claro, tinha que ser o governador Marcelo Miranda, governador biônico como todos os outros. Marcelo Miranda tem desenvolvido em seu governo uma propaganda violenta e demagógica de sua administração. Mas como o nível da inflação é muito grande, o custo de vida cresce dia a dia, e em Aquidauana as coisas custam mais do que nos grandes centros. Como ninguém come propaganda, o povo aquidauanense não está engolindo essa tentativa de promoção do dr. Marcelo.

Além disso o governador anda sendo acusado de estar envolvido com contrabandistas. Todos conhecem também sua intenção de substituir a fauna e flora do pantanal matogrossense por milhões de pés de cana-de-açúcar. Os mandos e desmandos do governador, o arbítrio de seu governo, a exploração a que estão sendo submetidas as classes trabalhadoras, se relacionadas, daria um livro, sem dúvidas. Mas o Marcelo Miranda,

apoiado pelos seus comparsas do Partido da Ditadura, compareceu ao campo do Noroeste, chegando atrasado, prática já conhecida dos políticos demagogos, para serem aplaudidos pelo povo. Mas qual não foi a sua surpresa. Surpresa só sua e de seus comandados, entre eles o prefeito Pedro Ubirajara. Marcelo Miranda entrou acenando para a plateia nas arquibancadas e recebeu uma sonora vaia do povo. Olhou assustado, começou a subir para a tribuna de "honra". Quando foi recepcionado por militantes do PDS que o aguardavam, nova vaia ecoou no estádio e a torcida cantou a musiquinha "e o cordão dos puxa-saco cada vez aumenta mais." Uma pausa. Silêncio no estádio. Três elementos ligados ao PDS ensaiaram umas palmas. Levaram a maior vaia de sua vida. Não vão bater palmas nem para chamar um amigo para pescar num domingo de manhã.

E daí por diante a situação ficou tensa lá pelos lados dos entreguistas da pátria. Mas o povo ficou feliz porque pôde manifestar todo o seu descontentamento, toda a sua ânsia de ver essa corja fora do poder. (Um amigo da Tribuna Operária - Aquidauana, MS).

Maluf se deu mal na mudança da capital

Desta vez Paulo Maluf errou o golpe mortal e sai de circulação a mudança da capital.

O governo, fala em mudar mas isso não é ideal mudanças sim, isso é bom para acabar com o mal.

A capital de São Paulo precisa ser consertada a gente vê pelo chão partes dela quebrada.

Mudar saneamento da nossa periferia dando escola e saúde com justiça noite e dia.

Mudar a educação essa é prioridade o sistema de transporte para vida da cidade.

É por isso meus amigos que eu falo em mudanças com justiça verdadeira para salvar as crianças.

Olá senhor deputado cuidado com a traição se votar no Maluf não terá mais votação.

Cuidado amigo eleitor não seja vendido ou comprado não vote em homem corrupto pra ele não ser deputado. (Moisés - São Paulo, SP)



Delegado conivente com tortura

Numa desprestigiada visita à delegacia de polícia de Caetité, um estudante de Salvador, descobre e denuncia torturas naquela prisão.

Alegando sempre defesa pessoal, o cabo Antonio Couto Mota, vulgarmente conhecido por "Cabo Mota", tem dado tiros em presos indefesos, tem saqueado os detentos, levando-lhes todo o dinheiro e demais pertences. Ao serem liberados, os detentos são informados que não tinham e que não portavam nenhum dinheiro ao

serem detidos pela polícia.

Todas as informações acima foram dadas por um agente policial que solicitou que seu nome fosse omitido, com medo de represália por parte do delegado Nilton Soares de Carvalho. Este delegado tem sido conivente com toda esta situação de desmandos e arbítrio do truculento cabo Mota e não toma nenhuma providência em defesa dos detentos.

delegado só dá plantão no horário comercial, ficando o restante do horário para o cabo Mota por em prática seus planos diabólicos de torturador, acobertado pelo vereador Valdo Vilas Boas, partidário do prefeito Nivaldo Oliveira, que mesmo sabendo dessas irregularidades, nada faz para impedi-las. Diante disso exigimos das autoridades competentes providências no sentido de que seja evitado este degradante desrespeito pelo homem. (Amigos da T.L.O. de Caetité - BA).

Cheiro de povo no planalto

Manifestação nacional em Brasília contra a alta dos preços

O povo viu em Brasília os castetetes da abertura. No dia 27 de agosto, cerca de 300 representantes do Movimento Contra a Carestia de 14 Estados que tentavam entregar ao general Figueiredo um documento e vários abaixo-assinados contra a alta do custo de vida, foram expulsos do Palácio do Planalto por uma tropa de choque da Polícia Militar. Cerca de 100 homens, comandados pelo coronel Periasu, chefe da segurança do Palácio, investiram contra velhos, crianças e mulheres.

Os policiais chamados para dissolver a manifestação aplicaram pontapés, socos, bofetões, torções de braço, além de sprays com pó químico. Tentavam obrigar os manifestantes a entrar em três ônibus que os levariam à força para a Rodoviária.

Indignados por se verem tratados como gado, os membros do Movimento Contra a Carestia reagiram. As mulheres, algumas com crianças de colo, recusavam-se a ir para os ônibus. A confusão aumentou quando os manifestantes começaram a cantar o Hino Nacional. Os PMs, indecisos, foram intimados pela segurança do Planalto a "serem mais enérgicos". E a pancadaria começou.

Uma moradora da favela Ponte Rasa (SP), Edna dos Reis Albuquerque, levou um pontapé tão violento no ventre que precisou ser encaminhada ao pronto-socorro com suspeita de ruptura na bexiga. Adelino Lacerda, operário têxtil de São Paulo, teve uma parada cardíaca em consequência do espancamento que sofreu. Cerca de 20 pessoas foram atendidas em hospitais.

Já nos ônibus, o povo continuava gritando palavras de ordem. Uma senhora não se conteve e afirmou: "Vamos voltar aqui, avisa o Figueiredo que o povo não tem medo".

Longa caminhada

A passeata contra a carestia já tinha sido barrada pela PM em frente ao Ministério do Planejamento. O comandante da tropa de choque chegou a advertir: "Se o povo não arriar as faixas, podem fuzilar". Depois de algumas discussões, os manifestantes prosseguiram. Ludibriando os guardas, entraram no Congresso e voltaram a sair pela rampa, até o Palácio.



Em São Paulo, cinco mil pessoas fizeram um enterro simbólico de Delfim, repudiando a política econômica do governo

A chegada ao Palácio do Planalto foi o ponto culminante da caravana dos representantes do Movimento Contra a Carestia até Brasília. Oito Estados (Bahia, Ceará, Minas Gerais, Maranhão, São Paulo, Piauí, Paraná e Mato Grosso) enviaram delegados. Outros seis (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba, Goiás e Pará) mandavam comissões ou moções de apoio.

Diversas delegações viajaram dias a fio para chegar ao Distrito Federal. E alguns delegados fizeram sacrifício para ajudar a pagar a passagem: Dona Edna, favelada de São Paulo, vendeu seu liquidificador, comprado uma semana antes. Um operário cearense vendeu uma calça nova.

Essa casa é do povo?

Em Brasília, o povo quis conhecer o Senado e a Câmara, mas foi impedido de entrar pela porta da frente. Enquanto trabalhadores, posseiros, donas-de-casa, gente simples do povo, mal alimentados e mal vestidos, eram barrados na porta do Congresso, uma delegação de estrangeiros bem vestidos e alimentados percorria os atapetados corredores e os luxuosos salões da "Casa do Povo".

Os militantes do MCC insistiram

em entrar: "Fomos nós que construímos tudo isso — disse um operário — temos o direito de entrar". Após a intervenção de alguns deputados, o pessoal entrou.

Sentados no tapete verde, delegados de diversos Estados explicaram o significado do que ocorria: "O povo conquistou seu espaço e um dia vai estar por aqui governando também" — declarou uma dona-de-casa paulista.

As lições da viagem

Como não conseguiram entregar o documento a Figueiredo, os integrantes do Movimento Contra a Carestia decidiram fazer uma manifestação de repúdio numa sala do Congresso. Convocaram os partidos de oposição para receber o documento. Compareceram representantes do PMDB, PT e PDT.

Numa reunião de avaliação dos acontecimentos em Brasília, os delegados concluíram que o governo pouco se importa com a situação do povo. Como afirmou um representante de Camaçari (BA), "cadê essa famosa abertura, que país é este em que a gente não pode nem comer?" Pedro Ferreira, do Ceará, disse: "A mão que Figueiredo estendeu, foi a mão de pilão".

Os representantes do MCC

viram que têm inimigos, mas também aliados no parlamento. O líder do PDS na Câmara, Nelson Marchezan, por exemplo, quase escorregou o povo de seu gabinete. Já parlamentares como Aurélio Peres (PMDB), o vereador paulista Benedito Cintra e os deputados do PDT Magnus Guimarães e José Maurício colocaram-se ao lado dos manifestantes, sendo surrados junto com eles.

Finalmente, como afirmou uma dona-de-casa do Piauí, "aprendemos que só o povo unido e organizado é que vai fazer alguma coisa neste país. Nós viemos aqui, porque estávamos com fome, com a panela vazia. Mas o prato que o Figueiredo deu pra gente comer, só fez foi me dar força. E de agora em diante eu vou lutar contra esse governo até morrer".

A reunião terminou com o povo gritando palavras de ordem: "Uma representante do MCC de São Paulo exprimiu o estado de espírito do grupo: "Voltamos com a cabeça erguida. Não sofremos uma derrota. Aqui em Brasília o povo entendeu porque Figueiredo gosta mais de cavalo do que de povo. É que cavalo ele adora, mas o povo ele não vai dobrar!"

(Olívia Rangel)



Em todo o Brasil, contra a carestia

No dia 27 de agosto, Dia Nacional de Luta Contra a Carestia, ocorreram manifestações de protesto contra a alta dos preços em diversas cidades.

Em São Luis (MA), 10 mil pessoas reuniram-se na praça central da cidade, conquistada a duras penas. Com a presença dos partidos de oposição, 25 oradores responsabilizaram o governo pela inflação e pela situação aflitiva do povo. Três representantes do MCC foram presos e torturados pelo secretário da Segurança, que tentou impedir a manifestação. Mas o povo deu a resposta merecida, lotando a praça.

Em São Paulo, 5 mil pessoas estiveram na Praça da Sé. Os manifestantes fizeram um enterro simbólico do Ministro Delfim Netto e uma passeata pelas ruas centrais da cidade. Em frente ao prédio da Light, pararam para protestar contra o aumento das tarifas de luz. Estiveram presentes à manifestação a deputada Irma Passoni e

Eduardo Matarazzo Suplicy, ambos do PT. Também compareceram representantes da UNE, da OAB e do CBA.

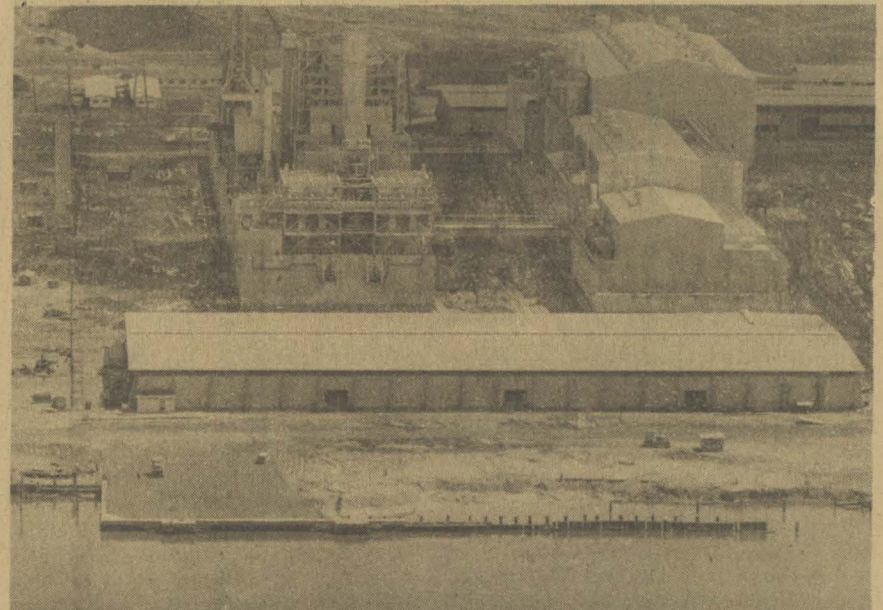
Em Fortaleza, cerca de mil pessoas realizaram uma manifestação na Praça José de Alencar. Na oportunidade, falaram diversos representantes de bairros e sindicatos, em protesto contra a política econômica do governo.

Em Cajazeiras (Paraná), 4 mil pessoas percorreram as principais ruas da cidade, na "Passeata da Fome", embora a polícia tenha sido colocada de prontidão.

Em Vitória da Conquista (BA) cerca de 300 pessoas protestaram contra a carestia e a fome. Também ocorreram manifestações em Andradina (SP); Cambé (PR), e no interior de Minas Gerais. No dia 31 de agosto, cerca de 800 pessoas reuniram-se no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, também para protestar contra a alta dos preços e a política econômica do governo.



Assim vive a maioria dos trabalhadores brasileiros na Jari



Nesta fábrica produz-se a celulose que enriquece Ludwig

PROJETO JARI - PA

Americanos escravizam 50 mil!

Denúncias contadas por quem trabalhou lá

Dois rapazes baianos, de 19 anos, passaram um ano trabalhando como técnicos no Projeto Jari. Saíram de lá recentemente e contaram à *Tribuna Operária* o que viram, omitindo apenas seus nomes, pois temem perseguições. Aqui está o seu depoimento.

Mercenários na gerência

Ficamos dois meses num treinamento e conhecemos uns vinte baianos que já estavam lá há mais tempo. Percebemos logo as discriminações. Tínhamos a impressão de estar fora do Brasil.

Tem muita gente do Chile, da Finlândia, e muitos norte-americanos. Os cargos de gerência, direção e supervisão são todos de estrangeiros, entre os quais alguns mercenários que lutaram em Moçambique e ex-integrantes da Legião Estrangeira.

Há um grandalhão muito forte, parece que do Rio de Janeiro, que se dizia combatente da selva. Contava que perseguiu Lamarca na Bahia, ajudou a reprimir os guerrilheiros do Araguaia e tem identidade falsa, com medo de que algum guerrilheiro o localize e queira se vingar.

Peão é como escravo

Em todo o projeto trabalham cerca de 50 mil pessoas, distribuídas por Monte Dourado, Planalto, São Raimundo e Saracura. Existem três classes: *staff*, pessoal de nível superior; geren-

tes, chefes intermediários, operários de nível técnico; e *geral*, que são os peões.

Os peões são trazidos do interior do Maranhão por empreiteiras, com muitas promessas de fartura. A única exigência é ser solteiro. Em Belém são jogados em porões de navios onde passam até fome. Depois são levados para a mata. Trabalham 14 horas por dia, sem proteção, expostos às doenças e perigos naturais da região.

O salário dos peões fica entre mil e 1.500 cruzeiros mensais, mas o pagamento é feito em vales. Quando um peão quer ir embora eles dizem que a dívida dele é grande e que terá de trabalhar para pagar. O peão jamais sai daquela vida escrava e subumana.

A CLT não vale nada. As carteiras de trabalho levam até três meses para serem assinadas. Não se paga periculosidade e os que trabalham na área industrial, com cloro, ácido sulfúrico, clorato e outros produtos, só recebem as máscaras para trabalhar.

18 peões metralhados

A repressão é grande. Existe a segurança da Jari, que anda armada com metralhadoras e atira por qualquer irregularidade. É proibido jogar bola, baralho ou ficar em grupos. Tomamos muita carreira pelo mato por jogar bola. Logo que chegamos, uns peões

da selva estavam com o salário atrasado e fizeram uma marcha para invadir a sede da empreiteira responsável por eles. Diz-se que foram metralhados e morreram 18 peões. De outra vez dois deles pretendiam sair do acampamento para ir à cidade e foram mortos sem maiores explicações.

Acido jogado no rio

Toda sexta-feira, de madrugada, chegam e saem aviões numa área fortemente vigiada onde só entram os diretores. Também existe um lugar chamado Pilão que é todo cercado e vigiado por polícia especial. Acreditamos que a parte industrial do Projeto serve de fachada para algum plano antibrasileiro.

A poluição do rio e do ar é total e crescente. Não há respeito pela natureza nem pelo povo. Os acidentes são constantes e já despejaram mais de 12 toneladas de ácido sulfúrico de uma vez no rio.

Bandeira americana

Os gases produzidos pela compressão da celulose também são descarregados sem tratamento. A terebentina — produto usado para fazer tinta — não tem aproveitamento e é jogada no rio Jari. O povo que mora nas favelas da beira do rio tem a pele toda enrugada, sofre coceiras e várias doenças provocadas pela poluição.

Monte Dourado, a cidade central, foi muito bem planejada. Ali só moram pessoas do *staff* e de nível técnico. É o lado americano. Do outro lado do rio fica o Beiradão — é o lado brasileiro.

O povo das favelas vivia de transportar pessoas em pequenas embarcações de madeira. Hoje a Jari colocou enormes lanchas motorizadas e liquidou os barqueiros. Os únicos meios de vida são a prostituição, bares e pequenos negócios.

No dia 4 de julho (data da independência dos Estados Unidos) foi hasteada a bandeira americana e nos aniversários dos chefes era hasteada a bandeira do seu país. Não se sabe a extensão do Projeto Jari, ou melhor, não é interessante para eles fixar um limite territorial. O município de Almeirim já foi invadido e pequenos posseiros e proprietários castanheiros estão perdendo suas terras. Quando a Capitania dos Portos foi inaugurada, os únicos brasileiros presentes eram da Marinha.

Quando começamos a pensar em vir, embora tentamos provocar uma demissão. Fazíamos tudo errado, de maneira que eles pensassem que não sabíamos de nada. Mas nós tentávamos conscientizar os nossos colegas, protestávamos contra os abusos, e por isso éramos chamados de subversivos e revolucionários. (da Sucursal da Bahia)

Tribuna da Luta Operária

SEMANA DA PÁTRIA

O verdadeiro grito de independência virá dos operários

O Brasil chega a este 7 de setembro numa situação de perigosa dependência em relação ao capital imperialista multinacional. A dívida externa brasileira já chegou aos 60 bilhões de dólares, o que equivale a 28 mil cruzeiros para cada habitante do país. O serviço da dívida — juros mais amortizações — custará este ano cerca de 14 bilhões de dólares. O país não tem como pagá-lo a não ser pedindo mais dinheiro emprestado, sob condições sempre mais pesadas. E nem assim consegue, pois seu crédito anda em baixa.

Classes de vende-pátria

O país chegou a essa situação porque as classes sociais que o governam voltaram as costas para os interesses nacionais. Depois de 1964, principalmente, ocorreu um verdadeiro casamento entre o capital financeiro internacional e os setores mais poderosos da burguesia brasileira. O regime militar é a expressão desse casamento.

Como sócios do capital estrangeiro, esses setores foram deixando de lado qualquer sentimento nacionalista, mesmo vacilante, que pudessem ter no passado. Arriaram de vez a bandeira da defesa da pátria.

Outra parte das classes exploradoras tem conflitos com o capital estrangeiro, mas não tem fibra para enfrentá-lo. São sobretudo pequenos e médios exploradores, que vivem imprensados entre dois fogos: têm tanto medo de serem engolidos pelos imperialistas quanto de ajustar as contas com os explorados. Seu comportamento é oscilante.

A esperança da nação

Assim, a esperança da nação brasileira está nas classes trabalhadoras. Delas partirá o segundo e verdadeiro grito de independência.

O camponês brasileiro já co-

nhece de perto o peso do domínio estrangeiro, que se estende sobre terras e mais terras, para não falar das indústrias de fertilizantes, de máquinas agrícolas e da comercialização das safras. O patriotismo do camponês é autêntico e de confiança.

As camadas populares das cidades têm interesse em combater os dominadores estrangeiros e também uma antiga tradição patriótica.

Mas a grande força capaz de levar o Brasil à independência de fato é a classe operária. Ela sofre diretamente a exploração estrangeira, nas firmas multinacionais. Possui também uma tradição ant imperialista que vem de longe. E o mais importante: a classe operária é a força diretamente interessada no socialismo — único sistema que pode libertar definitivamente os países hoje escravizados pelo capital estrangeiro.

Soluções de fundo

Nenhuma outra classe tem força e coerência suficientes para levar até o fim a luta pela emancipação nacional. No caso da dívida externa, por exemplo. Representantes das classes dominantes, como o ex-ministro Carlos Richbieter, já reconheceram que, do jeito que a coisa vai, ou o Brasil pede concordata ou terá de recusar-se a pagar a dívida. Mas essa gente, inclusive Richbieter, nem concebe que se possa levar adiante a posição de não pagamento, que significaria um rompimento profundo com o sistema capitalista mundial. Para os operários, porém, trata-se da única saída, já que não pode existir socialismo genuíno num país dependente das metrópoles do capital.

Por isso, cabe aos operários levantar bem alto a bandeira da independência nacional, abandonada pelas classes exploradoras, e levá-la à vitória, unindo em torno de si todas as classes e setores patrióticos.